

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO X

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1923

Nº 120

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger — Presidente de Honra,
Nilo Val, Paes de Andrade e A. Pamphiro, (redactores),
Orozimbo Pereira (Thezoureiro), E. Leitão de Carvalho, L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra,
Lima e Silva, Parga Rodrigues, Pompeu Cavalcanti, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti,
Daltro Filho, Eloy da C. Catão, Brazílio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira,
Fran. P. S. Fonseca, C. de Abreu, Sylvio Scheleider e Alcides M. Lima.



OLIVEIRA ANDRADE & Cia

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,
Tintas, Oleos,
Louças, Cutelarias,
Materiaes para Construcçao,
etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES:

Escriptorio: Norte 7664

Armazem: Norte 7787

RIO DE JANEIRO

"A guerra do Brasil com a Republica Argentina em 1827

E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

PELO TENENTE

Amilcar Salgado dos Santos

Obra de cerca de 400 pag. se acha á venda nas livrarias: "Scientifica Brasileira" á rua S. José n. 114—"Cruz Sobrinho" á mesma rua n. 82—"Leite Ribeiro" á rua Béthencourt da Silva, "Alves" rua do Ouvidor, 66 e nas principaes de São Paulo e Santos.

Acha-se á venda nas mesmas livrarias:

A GUERRA DA INDEPENDENCIA

POR

Amilcar Salgado dos Santos

Acaba de sahir:

HISTORIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8º com 600 pgs.
de texto em composição compacta
e grande numero de mappas a cores
«fóra do texto»

Preço (livre de porte) } em broc. 12\$000
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166
São Paulo — Rua Libero Badaró, 129
Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino, a proposito
da Campanha de 1851-1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) —	
pelo Capitão Nilo Val.	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata	
— pelo mesmo.	3\$000
Notas sobre a Historia Militar	
do Brasil — pelo mesmo.	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra —	
pelo mesmo.	2\$000

A' venda na Papelaria Macedo — Rua da Quitanda, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro
— Rua Bittencourt da Silva

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, PAES DE ANDRADE e A. PAMPHIRO

Nº 120

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1923

Anno X

O ENSINO MILITAR

A «Defesa Nacional» não se tem cansado de bater periodicamente nesse ponto vital para o Exercito e para a Nação — o ensino militar — convencida, como está, de que o problema é de magna importancia e não pôde ser resolvido senão por providencias positivas e orientadas pela élite da intellectualidade militar.

A reorganisação do ensino militar não pôde germinar da phantasia de ninguem, a não ser que queiramos prosegui no regimen infeliz e nocivo de experiencias de antemão condenadas ao fracasso.

A Nação sente e o Exercito comprehende a insufficiencia do actual plano e ambos anseiam por uma phase nova de rehabilitação e de progresso, na qual possamos apoiar com solidez as nossas esperanças no futuro do Brasil, cujos destinos reclamam uma atenção especial.

O novo anno se approxima e por enquanto apenas se annuncia o breve apparecimento de uma reforma radical no plano de ensino, reforma que poderá ser magnifica, mas que não poderia prescindir de uma ampla e livre discussão, antes de ser decretada, afim de que soffresse e attendesse á critica severa dos competentes e dos que aspiram o prestigio do Exercito para grandeza da Patria.

Não é possível copiar regulamentos estrangeiros. As condições do nosso paiz não coincidem com os de nenhum outro, nem é

possivel architectar formulas nem processos, que não dimanem da propria natureza das cousas e das circumstancias especiaes, em que nos encontramos presentemente.

Não basta trocar nomes nem alternar matérias de ensino. Tampouco será bastante trocar homens por outros homens.

A situação do problema exige ponderação, e em seguida firmeza absoluta, prescindindo-se systematicamente das individualidades, para que se possa attender apenas ao interesse nacional.

Muito confiamos na accão patriotica dos nossos dirigentes, mas nem por isso teríamos cumprido nosso dever, se não houvessemos, como agora, solicitado a attenção do governo para o importante assumpto, maximé sabendo-se que todos os paizes ora cuidam com o maximo ardor do seu poder militar, atendendo á situação instavel da politica internacional, de dia, para dia apresentando-nos uma surpreza original.

Não nos seduz a supremacia militar sobre nenhum paiz, nem temos o menor desejo de defender nossos direitos a tiros de canhões. Temos, porém, a obrigação sagrada de defender os nossos brios de nação independente e estes não se defendem, ao menos por enquanto, senão com o direito da força, unico respeitável na época actual, a despeito de declarações contrarias nos congressos de paz.

E a força, a grande força nacional, gyra em torno da tropa, que não vale apenas pela massa ou pelas armas, mas principalmente pelo seu preparo intellectual e moral, unica alavanca em condições de fazer ruir a prepotencia ou o arrojo do adversario audaz, que partir sobre nós.

O ensino terá de cuidar dos tres aspectos do problema — a preparação, a formação e o aperfeiçoamento do official — e cada qual se apresenta mais complexo e mais delicado,

dado o moderno caracter das guerras, que não comportam mais mediocridades.

O destino final das escolas é a criação dos conductores de tropas e estas se constituem hoje pelas nações inteiras, são conjunctos de cerebros e de almas que é preciso compreender para bem dirigir, se não se quiser entregar aos azares do acaso a sorte dos paizes, o que seria um crime.

E' preciso reflectir sobre isso e reflectir maduramente.

COOPERAÇÃO DA POLICIA MILITAR NA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

O Corpo Militar de Policia da Corte, como era denominada em 1889 a nossa policia militar, tomou parte saliente nos acontecimentos, que se desenrolaram na manhã de 15 de novembro, para a implantação do regimen republicano. Desde a vespera desse dia memoravel que se ordenara uma promptidão rigorosa de todos os seus officiaes e praças, mas uma promptidão fóra do commun, com armas embaladas e toda a tropa reunida no legendario quartel dos «Barbonos», onde se alojavam os policiaes desde 1831.

Pairava uma athmosphera de duvida em todos os semblantes. Os arraiaes politicos estavam agitados pela propaganda efficiente dos republicanos, que dirigiam o movimento com muita segurança e tino. O «Paiz» e o «Diario de Notícias» impressionavam vivamente a opinião publica com os seus artigos violentos. O ministerio Ouro Preto luctava com extremas difficuldades, assumindo uma attitude de rigor excepcional para com o Exercito, cujas unidades queria afastar da capital, dizia-se, para mobilizar a Guarda Nacional e garantir o advento do 3º reinado. Emfim estavam toldados os horizontes politicos, e até na Câmara, dois deputados mineiros, Cesario Alvim e João Manoel, gritavam estridentemente: — «Viva a Republica! — Abaixo a Monarchia!» De tarde correram boatos de que nos quartéis da 2.ª brigada a tropa se preparava para revolta e que o governo ia forçar o embarque de dois batalhões. E tudo isso causava especie aos policiaes que marcharam pela madrugada para o Campo de Sant'Anna onde tomaram posição: a ala esquerda no quartel-general, cujo pateo regoritava de tropa, e a ala direita, com a

cavallaria em frente á estação inicial da E. F. C. B.

O governo tinha fortes razões para confiar na dedicação dos officiaes por elle mesmo collocados á frente do Corpo: o coronel Andrade Pinto, moço fidalgo da casa imperial; o major Valladão, agraciado com o officiato da «Ordem da Rosá» por decreto de 13 de abril; e o major Cicero Galvão, trazido para o Corpo pelo Gabinete Ouro Preto. Mas a tropa ignorava o papel que estava representando, facto, aliás, muito commun nos habitos policiaes. Teve ordem de marchar e marchou. Recebeu voz de regressar e regressou. Obediencia, sempre obediencia. Eis como se justifica o seguinte trecho de Ernesto Senna, o infatigavel collecionador de apontamentos, sobre a jornada de 15 de novembro, no seu livro «Deodoro»: «Na força do Exercito ali estacionada para garantia do governo, era communicativo o entusiasmo, e nas das outras corporações se percebia uma certa tibieza e indecisão, quasi uma interrogativa surpreza». O que é certo, porém, é que o silencio do Corpo de Policia causava estranheza nas camadas populares, que o julgavam fiel á corôa, enquanto o governo lhe dava as mais exhuberantes provas de confiança, entregando-lhe o policiamento da cidade, feito nos primeiros dias do novo regimen com armas embaladas e com um rigor excepcional.

Ernesto Senna refere o estranho facto de haver o Ministro da Guerra do ultimo gabinete da monarchia, Visconde de Maracajú, entrado ás 2 horas da madrugada desse dia, no quartel de Barbonos, para transmittir ordens. Esse facto, não provado e sem grau-

de importâcia, podia explicar-se assim: Maracajú fôra passar a noite com seu irmão, o Barão do Rio Apa, em sua residência á rua da Lapa, quando o seu ajudante de ordens, tenente Jacutinga, o fôra prevenir de algo de extraordinário que se passava nos quartéis de S. Christovão. Antes, ouvira, segundo se afirma, dos labios de Floriano a celebre phrase: «Estamos sobre um vulcão». Concluiu, portanto, que o momento era de terríveis perspectivas e encaminhou-se para o quartel-general, entrando, talvez, antes, no que lhe ficava mais proximo, o da rua Evaristo da Veiga, d'onde poderia expedir as ordens mais urgentes.

Demais, tratando-se de uma resistência de certo vulto, a sua entrada inesperada no «quartel da polícia» poderia ter segundo objectivo:—verificar se podia contar com o Corpo em qualquer emergência. As nossas diligências entretanto autorizam-nos a afastar essa hypothese, por isso que o oficial de estado-maior desse dia, hoje coronel reformado, esteve em franca actividade durante a noite em face da promptidão rigorosa e em consequencia dos boatos que corriam desordenadamente. Era um oficial zeloso, dedicado e honesto. Não lhe era licito, portanto, occultar uma tal visita ou deixar de ter scienza della, no caso de ser verdadeira. A entrada de um ministro n'um quartel, onde a tropa está alerta, prompta para qualquer emergência, podia ser occultada a todo o mundo, menos ao oficial de estado-maior, maximé, sendo este um Pereira de Souza. D'onde se conclue não ter fundamento esta versão, que, como muitas outras, pecca pela base.

O tenente-coronel João Lino Gonçalves, hoje reformado, que na época da proclamação servia como 1.º sargento da 1.ª companhia de cavallaria, aquartelada em Barbosas, nega egualmente a visita de Maracajú ao quartel do Corpo nessa madrugada. A pesar de não ter a minima importância tal incidente, tivemos que desvendal-o, para esclarecer bem os factos. Allega esse oficial que, em face dos preparativos da tropa, que estava na perspectiva de graves acontecimentos, tanto assim que a infantaria recebia munição de comblain e a cavallaria os celebres revólveres «Nagant» e algumas «Spencer», tudo em actividade febril, como acontece na vespera de uma simples parada, não era possível a presença de uma tão elevada patente no quartel, sem que a tropa tivesse conhecimento.

O depoimento desse oficial, tem grande valor para as nossas pesquisas. Ele tomou parte activa na contenda á frente da 1.ª companhia de cavallaria, a primeira unidade que entrou no Campo de Sant' Anna. Foi a elle que Benjamin Constant pediu 2 cavallos para montar com outro oficial, afim de unir-se ao Marechal Deodoro. Ouviu distintamente, á chegada desses dois vultos eminentes o brado de Benjamin, vivendo a República. E, quando consumada a obra da proclamação, foi escolhido para com o então capitão Domingos Joaquim Gonçalves, tambem de cavallaria, prender «Ouro Preto», á rua da Misericordia, para conduzil-o ao quartel do 1.º Regimento, indo depois á cata do conselheiro Cândido de Oliveira, que não encontraram.

Uma das praças, que tomaram parte nesse celebre raid, o 2.º tenente José da Fonseca, então cabo d'esquadra e um dos mais antigos elementos da Policia Militar, lembra-se de ter avistado o coronel Andrade Pinto, n'uma das reservas do quartel-general, com a cabeça apoiada sobre o braço e bastante apprehensivo. E isso causou-lhe estranheza, em razão do apparato bellico da tropa, que já estava recebendo munição e carregando a arma com um cartucho embalado, enquanto o commandante chefe meditava a alguns passos. Surprehendeu-se tambem vendo o 1.º e o 7.º receber munição a seu lado, quando o boato corrente era de que a tropa reunida ia fazer embarcar esses dois batalhões. E ficou pensativo sem atinar com o x da questão. Dissiparam-se, porém, suas duvidas quando Deodoro fez a sua entrada triumphal no pateo do quartel, vivendo a República com decisão e entusiasmo. Depois o Corpo regressou ao seu quartel, debandou, retirando-se os officiaes para as suas residencias. Principiou para elle uma nova phase. Nessa mesma tarde os officiaes eram chamados urgentemente, sabendo então, estar definitivamente firmado o regimen republicano.

O major Valladão, fiscal do Corpo,—afirma-se com certa insistencia—não era estranho ao movimento; asfiançam alguns officiaes da época, que elle tivera na vespera varias conferencias com o ajudante General do Exército, Marechal Floriano Peixoto. Que alimentava sympathias pelo movimento, está conludentemente provado com a sua attitude, em varias emergencias, solidario como era com os seus camaradas do Exercito, então submettidos á mais rude das provações. O seu sigillo foi completo, absoluto. Aos

officiaes do Corpo que o interrogaram, nessa noite, sobre o motivo da promptidão, elle declarava tudo ignorar; sómente aguardava ordens do governo.

O coronel Andrade Pinto, que historiadores pouco autorizados destituíram do comando na madrugada republicana, comandou o Corpo, regressando á sua frente para o quartel de «Barbonos». E' certo que á frente da cavallaria estava o major Cicero, da ala direita da infantaria o major Valladão e da esquerda, a que ficou no pateo interno, o capitão da milícia Francisco Antônio dos Santos. Mas o coronel Andrade Pinto estava no quartel-general em pessoa, naturalmente em attitude de expectativa. E como elle, muitos outros. E a razão é simples. O Corpo seguiu à disposição do governo, a quem se apresenta para receber ordens. O governo colloca-o sob o commando do General Almeida Barreto e este por sua vez ás ordens do Marechal Deodoro, chefe da revolução. Que lhe cumpria fazer então? O que fez; acompanhar o desenrolar dos acontecimentos e agir com patriotismo e prudencia. Procedeu, portanto, com dignidade e honra. Foi para onde o mandaram. Acatou todas as ordens que recebeu, regressando sereno ao seu quartel.

Pretendia-se ainda que outros no Corpo estivessem a par do movimento, avançando Ernesto Senha, nas suas «Notas de um Reporter», a afirmar que «o capitão Galvão declarara a outros officiaes, contar com informações exactas do que se passasse na «Policia», por intermedio do 1.º sargento Manoel Antonio de Barros, em serviço no quartel do Estacio de Sá». Este sargento, que morreu reformado no posto de tenente-coronel, havia servido no 1.º Regimento de Cavallaria do Exercito, ha pouco tempo, estando naturalmente ligado, por laços de camaradagem, aos seus antigos companheiros dessa unidade.

O Corpo de Policia serviu tambem de pretexto para a fabricação de boatos aterradores, cujo unico intuito era acelerar os acontecimentos. Assim, diz o mesmo livro, quando o governo ameaçava de prisão Deodoro e Benjamin Constant, acrescentou-se tambem para armar effeito, que se aumentava a Policia e a Guarda Negra (textual), para atacar os quarteis do Exercito. «O tenente Bandeira — diz ainda Ernesto Senha, no seu livro «Deodoro» — mostrando-se indignado com a má vontade do governo com relação ao Exercito, declarou que não havia mais

duvida sobre o plano do governo: augmentava a *Policia da Corte* e a da Província do Rio, creava a guarda civica, arregimentava a Guarda Nacional, armava todas essas forças á comblain e dava-lhes a instrucção que não se poude dar ao Exercito». Mais: «O grito de alarmá fôra levado aos quarteis aquella hora pelos alferes Joaquim Ignacio e Manoel Machado, a mandado de Solon, que os eucontrando á rua do Imperador, afirmou-lhes que a *Policia e a Guarda Negra iriam atacar os Quarteis*, e não havia tempo a perder; voltassem ao quartel para que os 1.º e 9.º de cavallaria estivessem prompts á primeira voz e fizessem avisar com urgencia os officiaes». Entretanto, tudo nos leva a crér, que o Corpo Militar de Policia só cuidava do seu principal objectivo: — policiar; e, ainda assim, com grandes dificuldades ante a insufficiencia de seus effectivos.

A verdade não pôde ser offuscada. Basta lêr o «Jornal do Commercio» de 16, para se ficar convencido do verdadeiro papel que a Policia Militar representou nesse grande feito. «No campo da Acclamação, a força policial apresentou-se ao ex-ministro da guerra, que lhe disse recebesse ordens do senhor General Barreto, o qual pouco depois pol-a sob as ordens do Marechal Deodoro». E' facto incontestavel que o Corpo fez parte dos 1.096 homens que obedeciam ao commando do General Almeida Barreto. Esteve no theatro das operações, ocupando as posições já descriptas, regressando a seu quartel, convicto de haver cumprido o seu dever.

O coronel Andrade Pinto continuou no commando do Corpo até 25 de dezembro, data em que foi substituido, interinamente, pelo major Manoel Presciliano de Oliveira Valladão, que, por sua vez o entregava, a 27, ao coronel Bernardo Vasques. Isto significa não haver fundamento na versão de que o primeiro abandonara o commando, ou que este lhe fôra sopitado pelo segundo. Ahi estão para confirmal-o, as ordens do dia, assignadas por seu proprio punho. Esses velhos servidores, contribuiram de um modo eloquente para a consolidação da Republica. E nem à rebellião do 2.º Regimento de Artilharia, a 17, nem a dubiedade da fortaleza de Santa Cruz, nem ainda a indecisão da guarnição da Bahia, durante alguns dias, conseguiram abalar a sua fidelidade.

Na ordem do dia em que o citado coronel tornou publica, a 20 de novembro, ou seja cinco dias lapós a proclamação, a resolução

do governo que alterava a denominação do Corpo Militar de Policia, que seria agora do «Municipio Neutro» disse «muito ter elle contribuido para o glorioso feito de 15 de novembro» e concluiu affirmando que «para o governo não podia haver mais perfeita segurança de estabilidade do que as provas de brio e disciplina, com que a força publica tem sabido secundar essa benefica explosão de sentimentos democraticos, que deu em resultado a eliminação de uma fórmula de governo, que não podia continuar por mais tempo na America».

Ao despedir-se foi ainda bem significativo quando disse: «No meio dos embates e vicissitudes por que acaba de passar a nossa patria, é-me sumamente agradável rememorar, agora, os grandes e fidelissimos ser-

viços prestados pelo Corpo á causa da liberdade e da Nação, defendendo-a com zelo e devotamento, que só poderiam encontrar pares no brio e coragem com que todos, no Corpo, sabem esposar as boas causas e cumprir o seu dever».

Por consequencia o corpo policial, que já havia pelejado nas coxilhas do sul ao lado do Exercito, cooperando com elle em todas as jornadas da memorável campanha iniciada em 1865 e concluída em 1870, esteve com elle solidario dezenove annos depois, ajudando-o a sacudir os grilhões da tyrannia e a implantar o regimen da liberdade, já adoptada por todos os povos do continente americano. A historia o diz e os factos o confirmam.

CAPITÃO ALBINO MONTEIRO
da Policia Militar

PALESTRAS TACTICAS

POSTOS AVANÇADOS

Formal ou eventual, o repouso durante as marchas, no fim destas e dos combates, é imposto pelo principio fundamental da economia de forças.

Façamos uma comparação para dar uma ideia do esforço dispendido: O trabalho mecanico de um operario, pela moderna tabela de 8 horas, é avaliado em 300.000 kilogrametros; o soldado carregado com o peso regulamentar, marchando os seus 4 kilometros á hora, no fim dos 24 regulamentares representa um trabalho de cerca de 500.000 kilogrametros. É facil ver que elle exgotar-se-á muito mais rapidamente que o operario, em tempo igual, dispensando um trabalho quasi duplo.

Em qualquer situação, quer na paz quer na guerra principalmente, o limite das forças physicas jamais deve ser atingido; do ponto de vista militar particularmente, por quanto isso tem uma grande influencia sobre o moral.

Cabe, pois, a cada chefe o dever de regular cuidadosamente o tempo consagrado ao repouso, assegurando-se sempre de que seus homens delle se aproveitam.

Desde que penetra na zona de guerra, a tropa marcha, estaciona e combate; são as tres situações tacticas. A marcha e o combate fatigam o soldado; o estacionamento o refaz.

Por outro lado, o estacionamento, sendo uma paralysação temporaria da actividade da tropa, rouba ao chefe não só a iniciativa do ataque, como tambem a escolha da sua direcção. É um estado de inferioridade em que elle fica; mas, apesar disso, necessário para reparar as forças, afim de ficar em condições de cumprir a missão, que em nada se altera, só a sua execução soffrendo uma demora, as intenções do chefe permanecendo as mesmas.

Para contrabalançar tal inferioridade e poder cumprir a missão apesar do inimigo, mantendo-se em condições de agir, é preciso conservar a liberdade de accão.

Aliás, esta é a regra geral seja qual for a situação em que se encontre a tropa.

Dahi decorre a necessidade de estar sempre informado e coberto, de estabelecer a segurança para evitar a surpresa.

No caso do estacionamento, essas necessidades são mais prementes que em outro qualquer, pelas razões expostas acima.

A doutrina nos ensina que é com o Grossso que o chefe exerce sua vontade; é elle, portanto, que deve ser coberto e sua entrada em accão preparada, assegurando o tempo e o espaço necessarios para isso.

De um modo geral, de que se trata?

De interpor entre o Grosso e o inimigo, entre as duas vontades oppostas, elementos capazes de garantir o tempo e até certo ponto o espaço necessário para que a tropa repouse e possa, caso seja necessário, entrar em acção.

Por ahi vemos que a questão de segurança tem no caso um valor relativamente maior que na marcha; porque, nesta tudo está preparado para o encontro, ao passo que no estacionamento é necessário ganhar um certo tempo para permittir que as forças tomem seu dispositivo e entrem em acção.

Que pôde fazer o inimigo?

1.º Não estar em condições de intervir (distante, exgotado, etc...);

2.º Prompto a manifestar sua vontade.

No primeiro caso, o chefe tem garantida sua liberdade de acção; mas, apezar disso, precisa guardar as estradas e caminhos orientados para o adversario (alto guardado); no segundo caso, é necessário estar prompto a quebrar a vontade adversaria, mesmo pelo combate (Postos avançados).

De que se trata para os Postos avançados?

1.º Preservar o grosso de qualquer surpresa;

2.º dar-lhe o tempo necessário para tomar as armas e articular-se;

3.º assegurar um terreno favorável e bastante extenso, no qual elle tenha todas as possibilidades de manobra.

Que pôde fazer o inimigo?

O inimigo, de acordo com sua situação tactica e com o terreno, pôde abordar a zona do estacionamento pelos pontos em que a sua acção tiver mais possibilidades de exito, isto é, pelas direcções em que o terreno fôr propicio ao ataque.

Qual é então a ideia directriz do cmt. dos P. A.?

Ficar em condições de barrar essas direcções; e, como elles pôdem ser varias, oferecer resistencias proporcionaes á sua importancia.

Como dispor os meios para cumprir a missão?

Os meios são dispostos de maneira a assegurar a resistencia e a vigilancia, esta ultima sempre função das necessidades daquella.

O dispositivo jamais será esquematico, e sim imposto pelas possibilidades do inimigo e pelo terreno. Por este ultimo, porque,

sendo necessário barrar todas as direcções pelas quais o inimigo pôde abordar a zona do estacionamento, o escalonamento em largura é consideravel, e portanto serão escolhidos os pontos de maior valor defensivo, isto é, aquelles que permittam a maxima utilisação da potencia das armas automaticas agindo em flanqueamento reciproco e tambem á grande distancia. Nessa occasião será tambem levado em conta o emprego da artilharia, cujo fogo pôde suppor-se ao da infantaria ou substituir-o em certos pontos, que não puderem ser batidos por esta.

Como é feita a dosagem dos meios?

Ella é baseada no seguinte: Confiar a uma unidade completa uma direcção determinada; escalonar o conjunto em profundidade, de modo a obter a successão dos esforços, para o que serão constituidas reservas parciaes nos quartéis, e nas mãos do chefe, como elementos de manobra; assegurar as ligações entre os diversos elementos entre si, com o chefe e com as unidades vizinhas.

Os P. A., pelo que acabamos de ver, têm um carácter puramente defensivo; assim sendo, de que se trata em primeiro logar?

De escolher a linha em que o chefe quer combater, onde vaç applicar seu Grosso, e que é definida pelos pontos do terreno oferecendo o maior valor defensivo, que estão em condições de barrar as direcções prováveis do ataque inimigo, verdadeiros pontos de apoio, sucessivos, e organizados de tal modo que o inimigo não possa abordar a linha que os demarca sem combater, sempre sob a acção de seus fogos.

A esses pontos chama-se postos principaes, e à linha balisada por elles, linha dos postos principaes ou linha de resistencia, linha de combate ou ainda escalão de combate.

E' preciso, pois, colocar nesses pontos uma unidade cuja potencia seja suficiente para mantel-los; essa unidade é a companhia.

Ha, porém, casos em que o ponto de apoio é sómente mantido por um pelotão, o que será indicado pelas possibilidades menos importantes do inimigo.

Mas, é preciso não consentir que o adversario venha de uma só vez sobre o escalão de combate, constituindo, para isso, uma segurança; e, como é o grosso das forças destinadas aos P. A. que guarnecem a linha de resistencia, estamos em caso identico ao da vanguarda cujo corpo se cobre pela testa. Para essa segurança, os Postos principaes destacam para a frente elementos de vigi-

lancia, tão discretos quanto possível, pela conveniencia de occultar ao inimigo a locação dos P. P. Esses elementos são distribuidos com parcimonia, para não desfalar o numero daquelles, que tem de combater effectivamente.

Essa linha avançada chama-se linha de vigilância.

Atraz dessa segurança cada cmt. de P. P. organizará seu Posto, determinando nitidamente a missão de cada elemento, que será enquadrada em duas ou tres hypotheses mais provaveis da intervenção do adversario. Fará ainda conhecer a posição de combate dos Grupos e executar trabalhos defensivos sumarios.

Taes trabalhos serão acabados e aperfeiçoados caso se prolongue a permanencia no lugar, podendo mesmo constituir, por sua continuaçao, uma verdadeira posição defensiva.

Depois de tudo isso feito, os cmts. de P. P. deixarão na posição de combate sómente alguns homens collocados nos pontos mais favoraveis á observação, os quaes conservar-se-ão constantemente attentos na direcção do inimigo, como tambem para o lado dos P. P. vizinhos.

Toda a guarnição do Posto ficará em bivaque atraç da posição, cada elemento orientado para o seu lugar de combate, abrigados o mais possivel das vistas aereas adversarias.

Sentinellas ficarão ligadas pela vista com os observadores das posições de combate, sendo esse serviço junto ao capitão feito pelos observadores da cia.

Assim, ao primeiro signal, toda a tropa ganhará a linha de defesa, podendo reposar, enquanto o inimigo não aparecer.

A linha de vigilância em geral não combate, só em casos muito especiaes offerecerá uma primeira resistencia (cursos d'agua, depressões do terreno, etc.).

Qual a distancia em que devem ser estabelecidos os P. A.?

Ella depende :

1.º Da capacidade de manobra e potencia da tropa que os estabelece;

2.º da consideração que leva a evitar sejam elles facilmente desbordados.

Em consequencia a distancia será tanto maior quanto mais importante for o efectivo da tropa a cobrir; mas, quando não se dispõe do factor espaço é preciso aumentar o factor tempo, o que se cosegue pelo reforça-

mento da defesa, augmentando o valor dos elementos de resistencia.

Pelo que ficou dito, vemos que a concepção do estabelecimento dos P. A. reduz-se a:

1.º Estabelecer uma frente aproveitando o poder defensivo maximo do terreno, e creando uma barragem de fogos intransponível, eventualmente secundada pela artilharia;

2.º Não trepidar em fazer a manobra pelo fogo, o mais longe possível, para ganhar o maximo de tempo, empregando para isso o fogo indirecto das metralhadoras pesadas e as barragens desencadeadas pela artilharia (si houver).

Em principio, as tropas encarregadas dos P. A. são as da Vanguarda, e desde que o chefe reconheça que elles não estão fatigadas, pôde encarregal-as desse serviço alguns dias seguidos. Cada vez que a V. G. faz o serviço dos P. A. ella repousa porque como já vimos, a tropa não se conserva com as armas na mão e sim tem-nas ensarilhadas nos bivaques.

Os P. A. transformam-se novamente em vanguarda, quando retomada a marcha no dia seguinte, tendo sómente o cuidado de constituir a testa com a unidade que desempenhava o papel de reserva, e que ultrapassará os elementos dos P. P.; as unidades do grosso que estavam no escalão de combate formarão o corpo da V. G.

Si o Chefe reconhece a necessidade de substituir a V. G., fal-a-á ultrapassar, quando terminada a sua missão de P. A. por uma nova V. G. tirada do grosso, e as unidades da primeira irão ocupar o lugar deixado na columna.

Uma longa permanencia dos P. A. determina grandes fadigas á tropa, impondo-se nesse caso a substituição. Esta operação é muito delicada, principalmente em contacto com o inimigo, no caso dos P. A. de combate, e deve, por isso, ser precedida de reconhecimentos cuidadosos feitos nas ultimas horas do dia e só ser realizada á noite, para que a operação tenha completo exito. Os movimentos para essa substituição não devem ser realizados de uma só vez, mas sucessivamente, precisando, em certos casos, de mais de uma noite para concluir-os. Elementos de fogo são conservados vigilantes na posição durante a operação, inclusive a artilharia que terá baterias promptas a agir, caso o inimigo se manifeste nesse momento critico.

Os postos avançados de combate são estabelecidos, quando a decisão não pôde ser

obtida durante o dia, e a tropa é obrigada a ficar nas posições ocupadas, em contacto com o inimigo. As unidades de 1.º escalão asseguram a vigilância e a resistência; metralhadoras e F. M. são installados e apontados nas direcções prováveis do ataque adversário, cuidadosamente marcadas.

As armas dos G. C. que estão sobre a linha de fogo são dispotas para o tiro á noite; o terreno em frente clareado por artifícios iluminativos (si os houver); patrulhas enviadas para a frente, algumas o mais longe possível, para vigiar todos os movimentos do inimigo.

A tropa repousa na proporção de 1 para 2. As posições são consolidadas, aproveitando-se a escuridão.

Vejamos, finalmente, em que consiste a conducta dos P. A. em caso de ataque.

Ela depende da distancia em que a linha de combate se acha do estacionamento; si esta distancia é relativamente pequena torna-se necessário que as tropas de defesa, em caso de ataque, mantenham a todo custo a linha de resistência, sob pena de comprometer a segurança do grosso; então, é preciso que os P. P. sejam socorridos pelas reservas. Si a distancia é suficientemente grande, pôde-se constituir um pouco atraç uma segunda linha de combate; os P. P. depois de oferecerem uma resistência inicial, que obrigue o inimigo a parar e montar o ataque, retrahem-se e são acolhidos pela 2.ª linha.

Nesse caso devem existir tropas reservadas de antemão para tal fim.

Ha ainda o caso que se determina a alguns P. P. resistirem sobre a posição e a outros se retrahirem, para assim obrigar o inimigo a canalizar sua progressão pelos intervallos, e ahi destroçal-o.

Pôde-se exigir uma primeira resistência da linha de vigilância; mas, nesse caso é preciso que a sua posição no terreno esteja muito bem determinada, para que se possa contar com o apoio da artilharia; apôz uma primeira resistência os elementos de vigilância se retrahem e são acolhidos pelos P. P. Na occasião dessa retracção é pedida a barragem da artilharia por foguetes lançados da linha de vigilância pelos cmts. de G. C. e que serão repetidos nos P. C. dos cmts. de quarteirão.

A' noite a conducta em caso de ataque é imposta pelas condições da pouca visibilidade e do menor valor do fogo; o essencial, então, é procurar deter o inimigo com obstáculos collocados em geral sobre as estradas e caminhos de acesso, para obrigar-o a parar e batel-o pelas armas automáticas fixas, cujas direcções de fogo são estudadas cuidadosamente ainda com dia. A vigilância á noite é dobrada por patrulhas, cuja actividade é aumentada nas ultimas horas antes de amanhecer.

Major PAES DE ANDRADE

O THEMA D' "A DEFESA NACIONAL"

Com grande prazer, declarámos que excedeu á nossa expectativa o numero de soluções apresentadas ao thema dado a premio, das quaes algumas revelam muito adeantamento da parte de seus autores. Esta satisfação é maior, por vermos, que a idéa despertou o interesse dos camaradas, que bem comprehendem a intenção altruística da *Defesa*, pondo em evidencia, ao mesmo tempo, que os conhecimentos hauridos nos novos regulamentos estão sendo diffundidos com presteza.

Um sincero agradecimento áquelles que concorreram, e nossos votos para que não esmoreçam, e possamos levar avante novos concursos. A'quelles que, por motivos que nos escapam, não mandaram suas soluções, pedimos que na proxima vez façam um pequeno esforço e nos enviem seus trabalhos por mais modestos que lhes pareçam ser.

Neste primeiro thema propositadamente omittimos certos dados que viriam complicar o problema: mas, com isso só tivemos em mente dar maior liberdade ao pensamento dos principiantes.

No proximo numero daremos a critica e os ensinamentos principaes colhidos nas soluções apresentadas.

A Comissão julgadora reunir-se-á brevemente, para dar sua opinião e teremos o prazer de revelar o nome do vencedor.

Além das correções feitas em cada prova, a critica servirá para que cada um faça um juizo exacto de seu próprio trabalho. Todas as anotações são feitas em carácter amistoso, e qualquer dúvida que por acaso persista deve ser-nos comunicada, sendo para nós um prazer dar-lhe prompta solução.

A propósito dos "Capellães"

Sómente são fortes e capazes de agir, de modo notável, em prol do engrandecimento da pátria e da humanidade os homens que, tendo sempre tido um ideal (e todos têm um) os vão ampliando, passando do amor à individualidade própria ou personalidade ao ideal religioso (mesmo sem religião), através do amor da família, da pátria e da humanidade.

Esse supremo ideal ou ideal religioso é seguido, com pequenas oscilações peculiares à condição humana, segundo três caminhos principaes, mais ou menos combinados:

1.º — O caminho da acção

E' caracterizado pela acção no meio material, para o que são utilizados todos os recursos hauridos na grande fonte chamada de conhecimentos humanos. A ciencia, as religiões qualesquer, as artes, etc., são meras fontes onde os dirigentes de povos, os políticos, os generais, os industriais, etc., vão buscar elementos para exercerem uma acção energica, firme e positiva, emancipada por completo de sentimentalismo, mas cheia do desejo de acertar com a melhor e mais feliz solução ao problema, que pretendem resolver.

E' o mais perigoso dos caminhos, que conduzem à perfeição. No seu traçado se encontram o orgulho com o seu inseparável sequito (ambição, vaidade, maldade, intolerância, inveja, falta de discernimento, etc.,) e as necessárias reações que têm dado lugar ao trágico fim de tantas vidas, dentre elas não poucas bem preciosas.

2.º — O caminho da ciencia

Convencido de que é materialista, o homem de ciencia, despreza as religiões e, muitíssimo mais do que os verdadeiros sacerdotes de religiões conhecidas, se desprende das coisas mundanas — riquezas, conforto, diversões, posições sociais, etc.; o seu ideal é uma sede insaciável de conhecimentos que seriam, aliás muito mais vastos se não fosse o prejuízo, talvez necessário, do preconceito científico.

3.º — O caminho devocional

O verdadeiro devoto nenhum mérito se atribue. Em tudo e em toda parte elle sente ou presente a acção divina.

Elle age como um instrumento de Deus. Se é rico considera a sua fortuna como uma força que lhe foi dada para empregar de modo útil a outrem, como uma riqueza da qual é gerente e nada mais. Agindo somente com o fim de ser útil, contenta-se com o dever cumprido e se julga generosamente compensado com os bons resultados, segundo essa orientação, alcançados. Não deseja, despreza mesmo as recompensas materiais ou morais dahi decorrentes.

Dos tres principaes caminhos é o mais commodo e o mais seguro. A humildade verdadeira que se não confunde com a subserviencia, como não se confunde o orgulho com a altivez e a dignidade, livra o adepto deste caminho das ciladas e abysmos, de que está coalhado o primeiro caminho..

Os homens, na sua grande maioria, seguem um caminho que é uma mescla dos tres principaes em proporções variaveis até o infinito, no qual, segundo o progresso moral feito, as dosagens dos dois primeiros diminue, aumentando o do ultimo.

Os tres caminhos de perfeição, como acontece com os rios, acabarão por conduzir o homem a um manancial (a Verdade) no qual Ciencia, Arte e Religião são uma só causa, sob tres aspectos diferentes, não se podendo ver uma sem sentir as outras, como no caso da trindade católica.

Mas, para que se possa alcançar o grande objectivo, necessário é a absoluta sinceridade, que será sempre uma utopia sem a imprescindível liberdade de pensamento.

Querer obrigar um cientista ou um homem de acção a seguir o caminho devocional é o mesmo que colocar o carro adeante dos bois. Cada qual segundo suas possibilidades: o ultimo caminho ainda é pouco compativel com o actual progresso da humanidade.

Se é pois absurdo querer impor o caminho da devoção a um individuo, quão absurdo não será obrigar-o, principalmente em uma república, que goza de ampla liberdade de pensamento, a seguir uma dada religião, que está longe de ser a única e que, a julgar pela sua incompatibilidade com os preceitos evangélicos e com o resultado negativo produzido na grande maioria de seus adeptos e mesmo de grande numero de seus sacerdotes, não mais poderá, sem que de novo se cristianize, a encaminhar as almas ou espíritos para Deus?

Que valor poderá ter para o Creador uma prece feita por ordem e sob commando, por occasião da qual os orantes, mais ou menos constrangidos, sedentos de sangue, pedem ao Supremo o seu auxilio para matar os seus irmãos no seio desse proprio Deus?

O autor do artigo, inserto em «A Defesa Nacional» de 10 de agosto, terá por ventura assistido a algum *terço*?

Terá elle ouvido fallar das maldições, blasphemias, etc., feitas pelos officiaes, sargentos e praças, por occasião de fazerem esse serviço regulamentar?

Não será preferivel deixar a cada qual o momento e o lugar de, a seu modo, fazer a prece ou de, mesmo quando pense não fazer nenhuma, preparar-se para dignamente ir, com o sacrificio da propria vida, cumprir o seu dever, o que é uma das melhores preces?

O autor do artigo acha-se amarrado a

dogmas e a preconceitos e deseja, naturalmente fazer amarrar aos outros.

Lugares ha muitos mais apropriados á propaganda religiosa (vejo que a Igreja Católica não é das melhores) e, se assim não fosse, os protestantes, os espiritas, os atheus, etc., teriam direito de provocar a introdução de algo que lhes conviesse nos regulamentos militares do nosso Exercito.

Ha muita cousa bôa a ser escavada do Exercito antigo. Por exemplo:

O amôr á disciplina, o respeito aos chefes, o horror á bacharelice, o amôr á militância, o respeito aos mais velhos (mesmo quando mais moços de espirito) o menosprezo pelas cousas futeis como o almofadismo, o amôr a lealdade, espirito de verdadeira e san cama-radagem, etc.

Tte. Cel. PARCA RODRIGUES

Um Marechal fusilado

O manifesto de 3 de Dezembro de 1870, que estabeleceu a propaganda republicana, assignado pelos adéptos do regimen que triunphou a 15 de Novembro de 1889, não foi o fructo de um movimento amorpho, fóra da logica dos acontecimentos, e sim, em sua época, o fructo da evolução de principios.

E no Exercito, que acabava de vencer uma campanha de cinco annos, foi o producto do abandono em que se encontrava a defesa do paiz sob a direcção de maus governos, que desde o movimento de 1831, não lograra nunca a bôa vontade do imperante.

Esse manifesto encontrou um bom numero de officiaes, que o aceitaram e a elle adheriram com entusiasmo.

Os partidos politicos do segundo reinado, cegos, surdos, acanhados, n'uma politica menos liberal, astuciosa e inconveniente, crearam incentivos para a propaganda republicana.

Tem-se procurado deprimir a obra da propaganda e da influencia que o Exercito exerceu na revolução de 15 de Novembro, e a gloria que lhe cabe na proclamação da Republica, attribuindo-se ao despeito dos escravocratas que prestaram concurso politico ao movimento. Quanta ingratidão!!!... Joaquim Nabuco, em Junho de 1889, na Camara dos Deputados, attribuiu ás leis do ventre livre e da abolição, esta conquista social, incompatível com o interesse escra-

vocrata, que jamais parecia encontrar nos arraiaes republicanos garantidor refugio.

Muito menos foi obra de uma sedição de quarteis, como pretendem afirmar os despeitados decaídos do velho regimen, e sim, uma evolução natural das idéas, com grandes raizes nas classes armadas.

A mocidade militar educada por Benjamin Constant, que, com a sua palavra sentenciosa, radicou no coração de seus discípulos as novas crenças, foi conhecendo os phenomenos causadores do atrazo, das principaes instituições do paiz.

Entre os proprios chefes monarchistas a enfermidade do Imperador trazia appreensões ao advento do 3.^o reinado, que não inspirava confiança aos partidos governantes.

O Conselheiro Saraiva, um dos chefes liberaes mais progressistas e dos mais acatados, esteve em divergência com os seus cor- religionarios, e nas vesperas da proclamação da Republica, disse ao Imperador em Petropolis: «O que V. M. deve fazer, ao findar este reinado, é entregar á Nação a coroa que ella deu a V. M. em 1831 — Mas minha filha? perguntou-lhe o Imperador. A princesa, repondeu o Senador Saraiva, é muito religiosa, deve resignar-se a não reinar.

A denominada questão militar em 1886, foi o ponto de partida para a propaganda intensa e aberta no seio do Exercito, ferido, desgostoso, amesquinado, e miseravelmen-

te retribuido e recompensado pelos serviços excepcionaes prestados á Nação.

Chegando até ao Senado esta questão, um debate emocionante travou-se entre o presidente do Conselho, o barão de Cotelipe e o Marechal Visconde de Pelotas.

Em seu discurso, disse o Senador Pelotas: «O nobre presidente do Conselho terminou rindo e o seu riso me contristou. Nós estamos atravessando um momento grave, e S. Exa. não lhe dá importancia. Confiado no seu valor, por que já nos disse que não tinha medo, deixa-nos cheios de apprehensões e de receios.

Um de nós dous está inteiramente illudido nesta questão. Declaro com toda a franqueza que queria ser eu o enganado.

Desgraçadamente, parece que é S. Exa.

Peco encarecidamente ao nobre presidente do Conselho que reconsidera seu acto por amor a este paiz, não por satisfação a mim, que pouco ou nada valho.

Si não o fizer, não sabemos o que poderá acontecer amanhã, apesar de confiar o nobre presidente na força armada que tem ás suas ordens. Taes serão as circumstancias que pode ser que ella lhe falte.

A propaganda republicana mais accentuou-se nas classes armadas com estes factos, e a mudança do gabinete de 7 de Junho de 1889, com a passagem do dominio conservador para o liberal, inesperada como disse o Senador Paulino de Souza no Senado, sem ponto e por motivos velados.

Os conservadores decaídos da confiança imperial, não occultaram seus sentimentos.

No programma do novo governo estava a missão de preparar a entrada do 3.^º reinado, removendo doulos grandes perigos, o republicanismo e o militarismo que, na opinião de Gaspar Martins, o chefe liberal da província essencialmente militar, era o mais perigoso elemento contra o seu poderio na terra gaucha.

O Visconde de Ouro Preto, apresentando-se ao Parlamento com seu ministerio, declarou sem rebuço que ao Imperador dissera: «V. M. está seguramente notando que em algumas províncias se agita uma propaganda activa, cujos intuiitos são a mudança da forma de governo.

Essa propaganda é precursora de grandes males, porque tenta expôr o paiz aos graves inconvenientes de instituições para que não está preparado, que não se conformam ás suas condições e não podem fazer a sua felicidade.

No meu humilde conceito, é mister não desprezar essa corrente de idéas falsas e impru-

dentes, cumprindo enfraquecer os, inutilizar-os, não deixando que se avolumem.

O illustre estadista só não errou, quando afirmou que o paiz não estava preparado para a passagem ao novo regimen e os acontecimentos posteriores e os factos, que ainda hoje testemunhamos, são provas deste judicioso conceito.

Seu programma ou antes sua missão era abafar a corrente de idéas por medidas ou reformas liberaes, contra as quaes alguns dos seus proprios correligionarios se insurgiram e nessa sessão memorável de 11 de Junho, Nabuco declarou que o presidente do Conselho, rasgara a bandeira do seu partido, e o grande tribuno Padre João Manoel disse;

O nobre Conselho está satisfeito; supõe-se um triumphador. Como se engana! a sua vitória é a de Pyrrho.

Pela escada que subiu ha de rolar na praça publica coberto de maldições, e quando acabou seu caloroso e patriotico discurso, bradou com o maior entusiasmo: Abaixo a Monarchia! Viva a Republica!..

Assisti a esta tumultuosa e muito expressiva sessão, e a minha impressão, ligada aos factos e ao trabalho da propaganda militar de que tinha conhecimento e ligação, me convenceram de que os partidos monarchicos tinham seus dias contados fatalmente.

O chefe do gabinete, chegou a ter a sua voz embargada pelas aclamações republicanas, perdendo assim, naquelle momento solenne, o prestigio da causa, que, estou certo, só por coherencia e louvavel lealdade, elle valentemente defendia.

Um outro estadista liberal, o Senador Dantas, disse fricamente: Depois disto, o que resta é abrir caminho para que a Republica entre sem abalo.

A Camara, como é natural, foi consequentemente dissolvida e substituida por outra, de tal modo que alguns partidarios foram eleitos por mais de uma província, pela conveniencia que tinha o governo de aproveitar o talento e a pena para, na imprensa e na tribuna, esses correligionarios defenderem as idéas do governo.

Diversos corpos da guarnição foram removidos para o norte, por não inspirarem confiança e foi organisada a Guarda Nacional e mobilisada, como se estivessemos em tempo de guerra, para atirar-a contra o Exercito, mandando instruir-a por officiaes reformados do Exercito, alistando-se nas suas fileiras indistinctamente vagabundos e desoccupados

como se recrutava para o Exercito policialmente.

Deu o governo maior effectivo á policia militar e o commando ao coronel commandante do 1.^º regimento de cavallaria. Estas medidas, de franca hostilidade ao Exercito, mais exarcebaram o seu espirito eminentemente democrata, como provou quando esteve a frete do movimento popular, que fez *Pedro I* abdicar, tolerou que *Pedro II* subisse ao throno antes da época natural da successão, e que portanto, sem a sua cooperação, nada conseguiram em favor de um *Pedro III*!..

Preparada assim a revolução republicana pelo proprio governo, que audaciosamente enveredou pelo caminho da violencia e das hostilidades contra o Exercito e proclamada a Republica em 15 de Novembro, organizado o Governo Provisorio, preoccupou-se elle logo de dar á Nação um governo constitucional.

Eleita a Constituinte e promulgada a Constituição, esse monumento imperecivel de 24 de Fevereiro de 1891, que destruiu os oppressivos apparelhos da monarchia, desde os tempos coloniaes e que tem sido tão mal interpretado e tão desastradamente cumprido, foi eleito o primeiro presidente.

Esta eleição, foi infelizmente, a causa principal das primeiras discordias que surgiram no seio dos mais graduados elementos republicanos.

No governo provisorio o Marechal *Deodoro* perdeu a confiança, que soubé impôr a esses elementos como o proclamador e principal figura da revolução, ao lado de *Benjamin Constant*, o seu fundador.

Abandonando seus companheiros, organizou um gabinete que trouxe o descontentamento e a suspeita.

Formou-se a oposição parlamentar no seio do Congresso com a retirada do ministerio e o movimento hostil á candidatura *Deodoro* á presidencia, com a candidatura do dr. *Prudente de Moraes*, ostensivamente dirigida pelo senador general *José Simeão* e deputados Almirante *Custodio de Mello* e dr. *Demetrio Ribeiro*.

O primeiro, desgostoso com *Deodoro* que o afastou do governo de Pernambuco contra a sua vontade; o segundo, ambicioso com pretenso predominio politico na sua classe, onde tinha por competidor o Almirante *Wandenolk*, amicissimo de *Deodoro*, e o terceiro, adversario do dr. *Julio de Castilhos* no Rio Grande, que estava ao lado do chefe do governo provisorio.

Levantada francamente a candidatura do dr. *Prudente de Moraes* á presidencia da Republica e do Marechal *Floriano Peixoto* á vice-presidencia, o primeiro que garantia os votos da bancada paulista, o segundo seria garantido pelo elemento militar por contar nas classes armadas com grande numero de amigos, o governo teria o duplo caracter civil militar, considerando-se os dous elementos.

Não obstante a repulsa que encontrou logo em alguns chefes paulistas, a idéa de combater a candidatura *Deodoro*, que se impunha á situação do paiz, estes pelo dever de cohesão e lealdade, foram obrigados a sustentar o nome do velho paulista, com exceção unica de *Francisco Glycerio*, o unico chefe republicano do republicano Estado que com o seu espirito clarividente, não se deixou arrastar na aventura inspirada por ambições diferentes e mal contidas,

Na memoravel sessão de 25 de Fevereiro foi eleito o Marechal *Deodoro* e nelle votou *Francisco Glycerio* que com o narrador deste episodio, foi para o Congresso no mesmo coupé e juntos escreveram igual chapa.

O mais elevado eleitorado, que jamais se reuniu no Brasil, dando esta grande prova de patriotismo, evitou que grandes desgraças cahissem sobre a Republica e a dictadura que esteve eminente, deixando porém, o inicio para as luctas que se encandearam posteriormente, trazendo perturbações á joven Republica, que mais de uma vez foi salpicada de sangue precioso.

A' 15 de Junho de 1891, abriu-se o Congresso para a 1.^a sessão ordinaria sob a influencia de um movimento reaccionario nos Estados, imitando aos da monarchia quando subia ao poder um dos partidos.

O ministerio, que organisou o Marechal *Deodoro*, como já disse, sob a direcção do barão de *Lucena*, seu amigo intimo, homem de valor, mas que não gosava de sympathias dos republicanos, não foi bem recebido, e logo alguns dos seus actos na politica dos Estados, provocaram reacção no Congresso e o governo viu-se com uma minoria nas duas casas bem pronunciada e violenta.

Não se fez esperar a replica por parte do Marechal *Deodoro*, tão mal inspirado pelos elementos de que se cercou, alheios ao regimen que o fez chefe da Nação.

Valoroso e patriota não era, porém, um estadista. Na propria Constituição, elle encontraria remedio para uma solução que conciliasse os dous poderes executivo e legisla-

tivo, e entendimento houve entre alguns chefes republicanos para isso.

Preferiu porém o grande soldado, o golpe de Estado de 3 de Novembro, com um decreto de estado de sitio e demonstração de forças com batalhões do Exercito em frente ao Congresso, proclamando a dictadura.

Não tardou nova reacção tendo por chefe o vice-presidente Marechal *Floriano* que, collocando-se ao lado da legalidade, preparou o movimento de 23 de Novembro, revoltando o Almirante *Custodio de Mello* alguns navios da esquadra e intimando o governo a depor-se.

O inclito soldado, sempre animado do maior patriotismo, podendo, não resistiu, e logo passou o governo ao Marechal *Floriano Peixoto*.

Outra reacção, como era de esperar, se operou nos Estados e os partidários de *Deodoro*, os que adheriram ao golpe de Estado, viram-se depostos.

As deposições dos governadores foram agitadas e violentas e algumas até ridículas e deprimentes ao regimen, servindo para posições a antigos monarchistas, que ainda não haviam aderido à República e a ella se filiavam tão somente para explorá-la.

Convocado novamente o Congresso, primeiro acto do vice-presidente, a 1º de dezembro reuniu-se em sessão extraordinaria, que deu ao novo governo tudo que elle precisava para afirmar a administração pública.

A 19 de Janeiro de 1892, revoltou-se porém a guarnição da fortaleza de Santa Cruz, onde um sargento, teve a facilidade de prender os officiaes, com o intuito de depôr o Marechal *Floriano*, revolta fomentada por alguns perniciosos elementos favoráveis ao Marechal *Deodoro*, ou a sua volta ao poder, e que para a sua honra agiam contrariamente á sua vontade.

A 22 de Janeiro encerrou-se o Congresso.

Infelizmente porém, o Marechal *Floriano Peixoto* foi obrigado a organizar o seu ministerio com alguns maus elementos, que foram os causadores de factos desastrados posteriores, que desvirtuaram as intenções do integro general, unico republicano capaz de consolidar a República.

Existiam, porém, ainda algumas influencias políticas descontentes, que pretendendo a primeira magistratura da Nação diziam que se devia proceder á nova eleição presidencial, allegando ser illegal constitucionalmente a permanencia do vice-presidente no governo, estando a frente destes partidários o Almi-

rante *Wandenolk*, inimigo inconciliável do Almirante *Custodio de Mello*, então ministro da Marinha, que, logo depois que perdeu a confiança do Marechal *Floriano*, abraçou a mesma causa.

A imprensa apaixonada e suspeita, vibrou violentamente golpes e firmou-se a oposição.

O povo já estava habituando-se ás conspirações e estas já davam incentivo ás ambições immoderadas, dos que se agrupavam para o assalto ás posições do poder.

Neste estado de desassocoego do espírito público, pertubado e incerto, surge a celebre manifestação dos 13 generaes, pedindo ao vice-presidente a eleição para o seu substituto, que foi recebida naturalmente como uma intimação e, portanto, como outra revolta bem caracterizada.

E a 7 de Abril, era decretada a reforma desses generaes e uma outra revolta tentou aclamar o Marechal *Deodoro* presidente da Republica, provocando o decreto de 12 de Abril, declarando o estado de sitio.

O prurido revolucionario precisava de um paradeiro e o povo, quasi esgotado, em sua paciencia, só tinha olhares de confiança para o Exercito, onde encontrava provas de disciplina e de ordem, pois que só o tinha visto sair dos quartéis para proclamar a Republica que elle devia mais tarde, com parte da armada, concorrer para de uma vez, firmar o princípio de autoridade e consolidá-la.

Neste momento, a agitação revolucionaria toma vulto nos Estados do Rio, Amazonas, Maranhão, S. Paulo e Rio Grande do Sul.

Neste ultimo, a politica oposicionista, que se formou desde a proclamação da República com o partido liberal decaido, dirigido por *Gaspar Martins*, de incontestável influencia, preso e deportado, naturalmente por ser temido, teve seu resurgimento e incremento com a oposição de alguns chefes republicanos, dirigido por *Demetrio Ribeiro*, um dos tres que primeiro assumiu a direcção oposicionista á eleição do Marechal *Deodoro* á presidencia da Republica, pois o general *José Simeão* e Almirante *Custodio de Mello* eram partidários de *Gaspar Martins*.

Organizado o partido federalista, como denominavam, a elle adheriram os elementos suspeitos e despeitados á jovem Republica.

Separado *Julio de Castilhos*, chefe republicano naquelle Estado, também de incontestável valor, que havia aderido ao golpe de Estado como governador que era então,

preparou o partido federalista a sua deposição e a revolução não se fez esperar com todo o seu requinte de vinganças e odios mal contidos.

Ao mesmo tempo a 6 de Setembro, rebenta na bahia do Rio de Janeiro a revolta de parte da Armada Nacional, dirigida por *Custodio Mello*, já então fóra do governo do Marechal *Floriano* e seu inimigo pessoal, e onde muitas dificuldades políticas lhe creou protegendo a revolução no Rio Grande e os opositores, em Santa Catharina, conforme as acusações que lhe fez o escriptor desta narrativa da tribuna da Camara dos Deputados.

Serviu de pretexto á sua attitude a idéa da nova eleição para presidente que o vice-presidente devia mandar proceder, devendo ser elle o candidato mais cotado.

No Rio Grande do Sul era difícil e perigosa a vida dos chefes políticos e dos homens de valor nas fronteiras e dahi a emigração de alguns para Santa Catharina, Montevidéu e Rio.

O Marechal barão de *Batovy*, que a Republica encontrou general commandante da fronteira de S. Gabriel, onde tinha sua estancia, partidário antigo de *Gaspar Martins*, seu amigo pessoal, depois de exercer o cargo de commandante do distrito militar do Rio Grande do Sul com toda a lealdade e coreção ao novo regimen, velho amigo e companheiro do Marechal *Floriano*, exonerou-se desse commando.

Suspeito pelo castilhismo, foi obrigado a emigrar sua familia para Santa Catharina, sua terra natal, onde tinha seus parentes e pertencia a uma das primeiras e primitivas famílias que ali se constituíram no primeiro reinado.

Chamado ao Rio de Janeiro pelo Marechal *Floriano*, resolveu reformar-se e fixar sua residencia em sua terra, por não querer envolver-se na política.

No antigo Desterro, foi elle encontrar outros emigrados de ambos os partidos no Rio Grande os quaes o cercaram com os seus concorrentes, de toda a consideração e respeito de que era merecedor pelas suas elevadas qualidades de carácter, cultura, inteligência e bondade em extremo.

Recebido, quando ali chegou com toda sua família, com todas as honras e de braços abertos por todos, sem distinção de créditos políticos, em sua residencia, recebia a todos os riograndenses que aportaram e entretinham relações com seu filho, bacharel Alfredo

Gama d'Eça, que no gôso de seus direitos políticos, estava filiado ao partido federalista.

O partido republicano catarinense nunca teve antes da revolta de 6 de Setembro, que foi encontrar no poder um celebre tenente Machado, que, como interventor se apossou do governo do Estado, traendo a missão que ahi o levava, motivos de queixas contra o Marechal barão de *Batovy*.

Ao contrario disso, quando chegou ao Desterro de viagem do Rio, após o golpe de Estado, como deputado federal, o narrador destas linhas, um grupo de adversários exaltados, dos tais aventureiros políticos de que o Estado tem sido e continua a ser sempre vítima, assaltantes ás posições de destaque na politica, pretendeu no seu desembarque, ruidosamente vaiar-lhe, reunindo vagabundos e menores, na falta de coragem para lhe enfrentarem.

Este acto de vandalismo recebeu do Marechal barão de *Batovy* a mais acerba reprovação.

Ao passar esse grupo, com banda de musica á frente, pela sua residencia de regresso, o saudaram calorosamente, dizendo-lhes em face o Marechal, que reprovava aquella manifestação hostil, que importava numa offensa gratuita a um moço conterraneo que, se por outros motivos não se recommendava, bastava a circunstancia de se ter feito por si, tão somente, o que tudo isso importou numa lição de moral e de civismo.

Finda a revolta na bahia do Rio de Janeiro e abandonado o Estado pela horda vandala, que ali depredou durante mezes, e por isso mesmo, assumindo o governo como interventor, o coronel do Exercito *Julio Moreira Cesar*, não tardaram os actos de represalias, prisões e devassas.

Na Revista «Patria» do Círculo dos Oficiais Reformados, no seu 9.º numero de Março de 1920, commemorando o quinquagénario da terminação da guerra do Paraguai, publicei os traços biográficos do Marechal Manoel da Gama d'Eça que se seguem: «Filho da antiga província de S. Catharina, assentou praça em 21 de Fevereiro de 1845.

Matriculando-se na Escola Militar em setembro de 1847, foi promovido a alferes alumno. Fez a campanha do Rio da Prata. Seguiu para a campanha do Paraguai como capitão. Promovido a major em janeiro de 1866, por merecimento; tenente-coronel em janeiro de 1868, também por merecimento.

Em 1870, de volta do Paraguai, onde fez

toda a campanha desde a invasão do Rio Grande, foi agraciado com o título de barão de *Batovy*, pelos relevantes serviços prestados nessa campanha. Residindo neste Estado, mudou-se para o seu Estado natal em 1892, onde foi encontral-o a revolta de 6 de setembro de 1893; antes, porém, exerceu o cargo de commandante do 6.^º Distrito Militar, do qual pediu exoneração em 28 de agosto de 1892, por não poder manter a disciplina entre os officiaes, que, euvolvidos extremadamente na politica, publicavam manifestos collectivos nos jornaes de Porto Alegre, inconvenientes à disciplina.

Terminada a revolta, na qual não tomou parte, não só pela sua elevada patente como pela sua avançada idade e relações de alta camaradagem com o Marechal presidente da Republica, foi violentamente preso a 19 de abril de 1894, por ordem do governador do Estado, coronel *Moreira Cesar*, no estandomaior do 25.^º batalhão, de guarnição em S. Catharina, para sua maior humilhação.

Por ordem dessa mesma autoridade, foi a 25 do mesmo mez e anno transferido para a fortaleza de Santa Cruz, da barra do norte desse Estado e ahi fusilado com seu filho, outros officiaes e cidadãos implicados na mesma revolta.

Sem se proceder a um conselho, ou outro formalidade legal, o Marechal barão de *Batovy* foi fusilado e tem por sepultura a valla commun no terrapleno da mesma fortaleza»

Assim entendeu punil-o militarmente o despota, em cujo cerebro doentio passou a idéa de que era elle, Marechal, desleal ao juramento e ao cumprimento do dever militar, concorrendo para pôr em perigo as instituições livres de sua patria naquella zona.

Esta calamidade não pôde ser impedida pelos chefes politicos presentes.

Aterrados, amedrontados pusilanimemente pela sanha barbara do epileptico, que os dirigia, foram impotentes para isso impedir.

O escriptor destas linhas era represen-

tante federal do Estado, mas prestava ainda no Paraná, seus serviços militares ao governo legal, nem mesmo moralmente teve a responsabilidade desses acontecimentos, porque, tendo sido propositadamente excluida pelo despota a apresentação do seu nome, felizmente, á reeleição, com a tacita acquiescencia dos seus correligionarios, o seu absoluto silencio e a indifferença que prestou a essa desconsideração, foi o maior protesto com que condenou essa cumplicidade morbida de um crime, que constitue uma vergonhosa e enlutada pagina da nossa historia e da de Santa Catharina, especialmente.

O Marechal barão de *Batovy* tinha cerca de 70 annos de idade e por isso, fatal e moralmente, com os 50 annos de serviços militares, e mais de uma campanha, estava já condenado á morte.

Não tinha na grande somma de serviços prestados, na paz e na guerra, uma nota siquer que o desabonasse em sua fé de officio gloriosa; fechada, subscripta, entretanto, com uma alteração que marcou o começo do desprestigio e decadencia nos postos da hierarchia militar do Brasil, que hoje tanto sentimos e amargamente deploramos.

Um Marechal fusilado por um 1.^º tenente, por ordem de um Coronel ! !

E assim desapareceu dentre os vivos, para não mais encontrar-se em parte alguma, com a nota de exclusão do Exercito, segundo os dados officiaes existentes, o Marechal Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, barão de *Batovy*.

Pela lei n. 310 de 21 de Outubro de 1895, aquelles que maiores ou iguaes responsabilidades tiveram na maldita revolta, eram amnistados, e mais tarde, por outra como a de 7 de Setembro de 1899, passaram a gozar de todos os proventos e concessões, e ainda hoje são muitos os preferidos aos postos por merecimento !

Página negra da historia militar ! ! . .

MARECHAL CARLOS DE CAMPOS

O PROBLEMA DA SEGURANÇA

O nosso R. S. C. deve ser retocado dentro de curto prazo, afim de ficar de completo accordo com os nossos ensinamentos resultantes da grande guerra e, por outro lado, attender de modo mais logico ás exigencias do meio, no seu estado actual.

Tudo indica que não vai ser, no que diz

respeito á doutrina, um meio de subverter, nos pontos capitales, as suas prescrições.

Ha nesta parte, apenas, um certo numero de pontos a elucidar, a substituir, a accrescer. As idéas fundamentaes subsistirão.

Na parte didactica é que é necessario encarar uma verdadeira revolução, porque o

actual regulamento é prolixo por demais. Elle não define em curtos períodos, como convinha, os órgãos correspondentes ás funções atribuidas não só ás tropas, como aos serviços. Perde-se, consequentemente, nos meandros que elle mesmo engendra e exige, da parte de quem o lê, um cuidado todo especial, aliado á larga pratica de manuseal-o.

O capítulo relativo á segurança, por exemplo, não prima pela concisão. Não prepara o espirito do consulente por uma generalisação adequada e não reune os detalhes particulares em uma ordem logica. Vamos esmiuçal-o, pelo menos, em parte, porque, na phase actual de nossa mentalidade, parece que mais convinha obrar por partes, seguindo um caminho, como o que ahi fica.

Neste caso o problema da segurança comporta uma definição geral, que ponha o nosso espirito em condições de encarar convenientemente as minúcias de cada situação. E' o que succederia se dissessemos: «O problema da segurança comporta, de um modo geral, sempre a mesma solução: conservar entre nossas tropas e o adversario os elementos indispensaveis para impedir que sejam surprehendidos».

Quando se diz «elementos indispensaveis» proscreve-se de um lance todo schema, insiste-se na economia das forças. Deixa-se claro, finalmente, que a segurança diz respeito á surpreza e ás suas consequencias.

A pagina 176 do actual regulamento, lê-se: «Quando em contacto immediato com o inimigo, a melhor garantia da segurança é a repartição judiciosa das forças, tendo em mira o combate».

Esta prescrição deixou de merecer um paragrapho numerado especialmente, vem encaixada no 166 e se reduz só a isso. Dadas as nossas tendencias ancestraes, não faltará por ahi quem julgue que a regra do serviço de segurança, mesmo perto do inimigo, seja a velha ordenança, com os seus P. P. e p. p. e toda a gamma do serviço de postos avançados. Digam-no os professores do curso de aperfeiçoamento...

O paragrapho 170 diz: «A vanguarda tem por missão: longe do inimigo, varrer os obstaculos, etc.» Eu preferiria, mais timidamente, escrever: «remover os obstaculos, etc.»

O final do paragrapho 171 prescreve: «O logar do commandante da columna será, pois, na vanguarda». Parece preferivel, de acordo com a mentalidade actual, prescrever mais alguma cousa, referente aos

chefes subordinados que formam ahi o seu sequito e o sequito de seus auxiliares, dando ligeiramente os motivos desse modo de proceder.

O paragrapho 172 prescreve: «Em qualquer caso (trata-se da multiplicidade das vanguardas), porém, o commandante da columna conserva a direcção do conjunto das vanguardas; determina-lhes, consequentemente, logares e deslocamentos». Parece que não é bem isso. O que o commandante da columna conserva, de facto, é o grosso. A dupla ou tripla vanguarda corresponde uma repartição de forças e uma organisação de commando que impõe apenas a regularização das missões de cada um desses elementos, cuja direcção material escapa desde entao ao chefe do conjunto, cousa que absolutamente não se dá com o grosso.

Lê-se, no final do paragrapho 173, que para manter a artilharia fóra do alcance efficaz da artilharia inimiga, «haverá muitas vezes necessidade» de fazer marchar a artilharia de apoio de uma vanguarda, entre esta e o grosso, por lances, etc. Não ha duvida de que seja essa uma regra mais ou menos absoluta, desde que seja possivel a intervenção da artilharia contraria; não ha duvida que para a artilharia será menos fatigante a marcha á parte da infantaria. Por que não erigirmos em regra geral uma semelhante prescrição, que ahi apparece como subsidiaria?

O paragrapho 175, que é longo e fatigante, exige que a ponta (cavallaria) seja sempre commandada por um official e que na frente da ponta marche sempre um official. A idéa que isto dá é do emprego de dois officiaes diferentes, quando a ponta é tantas vezes composta apenas de um pelotão de cavallaria, que não tem mais do que um official. O que parece que se deve exigir é a presença de quem saiba ver e informar na extremidade da columna. O resto já é do mecanismo tactico da arma de cavallaria. Tambem esse trecho dá a idéa de uma ponta marchando a passo, agarrada na infantaria.

Só os iniciados comprehendem, pela sua leitura, que as cousas não se passam assim.

Mais a baixo, prescreve o mesmo item, que todo destacamento que não tenha cavallaria «deve reforçar sua ponta com esclarecedores montados».

Ora, eu preferia dizer: «Sempre que na columna não houver cavallaria, a ponta será constituída por esclarecedores montados». Não se pode reforçar o que não existe, se

não ha cavallaria, de accôrdo com o proprio regulamento.

Depois de ter dito, no paragrapho 171, que o commandante da columnna marchará na vanguarda, volta, no paragrapho 176, a tratar do mesmo assumpto, fixando-lhe o logar. Isso augmenta as difficultades para as consultas.

O paragrapho 177, que encerra o capitulo, prescreve que os diversos escalões da vanguarda não são obrigados a fazer os altos horarios ao mesmo tempo, mas que durante as paradas «devem achar-se em situação de desempenhar o seu papel tactico».

Por que é que o nosso regulamento não falla explicitamente no alto guardado, definindo-o, regulando-lhe as minucias, etc.?

No entanto é o alto guardado de emprego corrente nas soluções dos themes tacticos, em todos os escalões.

O assumpto é vasto e o tempo é pouco.

Outros de melhores alvitres e de maior valia, que o explanem mais largamente.

Todos os seus capitulos permitem sarta collecta.

Eu me limito a afirmar pela adaptação de um regulamento europeu, que neste momento só pôde ser o regulamento francez, explanado, ampliado, completado para o nosso meio militar.

F. PAULA CIDADE

A CANNA FORRAGEIRA COMO RAÇÃO COMPLEMENTAR

Cumprindo uma ordem de meu Comandante, o Sr. Coronel Alfredo Malan d'Angrogne, para dizer algo sobre a canna forrageira, que desde alguns mezes vem o 1º B/E ministrando a seus animaes, a titulo de experienca e como medida economica, venho observando que, da substituição gradativa de 500 grammas de alfafa por 3 kilogrammos de canna, num effectivo de cento e sessenta e tres cavallos, não resultaram alterações, quanto ao estado sanitario dos referidos animaes, que permanece bom.

Grandes são as prevenções quanto ao emprego da canna de assucar no regimen alimentar dos cavallos do Exercito, levando-se mesmo o extremo de incriminal-a de accidentes graves, ocorridos com animaes que della fizeram uso, accidentes estes que podem ser verificados com o emprego de quaisquer forragens, quando mal administradas.

E' facto conhecido, que durante a moagem em nossos engenhos de assucar, o gado, tanto cavallar como bovino, se alimenta em grande parte do bagaço da canna de assucar, assim como das impurezas deixadas pelo trabalho da depuração do respectivo caldo, sem que por isso, soffra a menor alteração no seu estado hygido.

Esta forragem apresenta propriedades inherentes aos alimentos grosseiros, aquosos e assucarados : pela sua riqueza em materia lenhosa constitue um lastro imprescindivel á boa gymnastica do apparelho digestivo ; excellente refresco pela grande quantidade de

agua que encerra e finalmente thermogenico pela sua saccharose.

Não tendo nem todos os alimentos, o mesmo valor nutritivo e nem sendo completos em absoluto, segue-se a imperiosa necessidade de varial-os.

Si accidentes têm sobrevindo com o uso da canna, são devidos ao modo pouco logico, sem duvida, por que tem sido empregada.

A passagem brusca de um regimen para outro, é quasi sempre prejudicial, escapando illesos, apenas, os organismos privilegiados.

Como regra geral, não devemos distribuir-a em demasia, dando-a, porém, como ligeiro complemento e não como succedaneo completo, em vista da sua grande quantidade aquosa que poderia agir como debilitante, assim como pela aspereza de suas fibras que, nas obstruções intestinaes, actuando como corpos estranhos, seriam responsaveis por erosões que dariam logar á invasão de germens da flora micobriana do tubo intestinal na intimidade do organismo.

A usar-se a cauna forrageira ou a de assucar, nas rações de animaes não habituados a elles, devemos fazel-o gradativamente, afim de treinar o organismo e evitar as complicações motivadas pelas substituições bruscas.

Quasi todas as forragens encerram uma grande quantidade de impurezas diversas e a ingestão destas substancias estranhas, apresenta perigos sérios para a saude dos animaes ; ora, achando-se a cauna nesse numero, será pois necessaria a sua preparação

para servir de producto alibile. Segundo um trabalho do Dr. Paulino Lopes da Cruz, em 100 grammas de succo de canna roxa, de completo desenvolvimento, achou-se no gomo superior sem cascas o seguinte :

Agua	67,521
Saccharose	5,809
Glycose	1,701
Cerosia	0,053
Acidos organicos	0,760
Substancias albuminosas	0,418
Substancias pectinasas	0,099
Saes inorganicos	6,419
Cellulose	27,220
	100,000

A composição do gomo superior é que mais se deve approximar da composição da canna forrageira, justificando a necessidade de dal-a em pequenas proporções, em vista da grande quantidade de agua e resíduos em relação com as suas substâncias nutritivas, que também pelos mesmos motivos pode prestar grandes serviços como adjuvante de outras forragens e ser de custo reduzido.

FERNANDO DORNELLES G. FRAJADO

1º Tenente-veterinario

Organização e tática da Artilharia

Com o título supra fez o coronel Faupel do Exército Alemão, uma conferência no Círculo Militar de Buenos Aires. Dessa interessante conferência, publicada pela Revista Militar argentina, traduzimos, com a devida vénia, os trechos que se seguem,

F. J. P.

Os estados-maiores de regimento e de grupo e principalmente as baterias, hoje mais do que nunca, devem ser providos de bons elementos ópticos de observação. É indispensável que cada oficial e cada chefe de peça disponha de um binóculo prismático e que a bateria possua duas lunetas tezouras, um telemetro, dois goniômetros e alguns transferidores. Pode-se afirmar, que hoje mais vale no combate um grupo provido de bons elementos de observação e de medida do que dois grupos com uma dotação insuficiente desses elementos.

Da mesma forma que em todas as operações táticas, também os reconhecimentos e as observações da artilharia efectuadas por aviões, balões captivos, pelas secções de medidas, pelos recursos ópticos das baterias, etc., só preenchem o seu fim quando são transmitidos rápido e de modo seguro à tropa que combate. Assim os elementos de observação devem ser completados por numerosos elementos de transmissão. Por isso, na Alemanha, cada bateria leve dispõe, para o serviço exclusivo de comunicações, de 3 sargentos, doze soldados e de uma viatura telefônica, muito leve, com 6 aparelhos telefónicos, 17 quilometros de cabo e 3 aparelhos ópticos. Além disso a artilharia deve estar dotada de apparelhamento radio-telegáfico necessário para comunicar com o observador aéreo. O regimento de artilharia leve de 9 baterias dispõe de 4 officiaes e de mais de 200 homens para o serviço de comunicações. Sendo a transmissão de ordens e informações de uma importância capital para direcção do fogo, muito se recomenda a prática dos chamados exercícios de direcção de fogo. Não é necessário que participem desses exercícios todos os serventes das baterias, basta que nelles tomem parte os officiaes, os sargentos, apontadores e pessoal de observação.

O exército alemão sempre se preparou, antes de

tudo, para a guerra de movimento e por isso achava-se a artilharia leve dotada de um shrapnell que dava excellentes resultados contra os objectivos vivos. A medida, porém, que foi aparecendo a guerra de posição, mais necessário foi se tornando o emprego da granada. A isso se veiu juntar a menor dificuldade de fabricação da espoleta de percussão do que a da espoleta de duplo efeito do shrapnell, o que era para se considerar no desenvolvimento extraordinário que tomou o fabrico de munição. As regras de tiro de percussão eram também mais simples que as do tiro de tempo; tendo ainda surgido por essa época os gases, que só se empregavam com as granadas. Resultou daí que ao terminar a guerra, a artilharia alemã achava-se dotada de 10% de shrapnells e 90% de granadas.

Em 1918 a quarta parte da munição alemã era constituída de projectis de gases. O emprego destes trouxe como consequência grandes modificações não só nos processos de tiro como na própria tática da artilharia. Não se tratava, então, de bater cada peça inimiga e o seu pessoal, como se procurava com os projectis de alto explosivo, mas de infecionar com os gases toda a zona ocupada por uma ou várias baterias, levando-se em consideração as condições atmosféricas e o terreno. No inicio da guerra procurava a artilharia posições cobertas por elevações do terreno, de bosques ou povoações, afim de desenfiar-se da observação terrestre inimiga. Pouco depois, veio a observação aérea obrigar as baterias a procurarem colocações nos bosques e nas povoações afim de subtrahirem-se também ás vistas aéreas. Aconteceu, então, que os gases lançados em grande quantidade permaneciam melhor nos lugares protegidos do vento, isto é, especialmente nos bosques e nas povoações. Por serem mais densos que o ar, os gases ainda se reuniam nas partes mais baixas do terreno, isto é, nas fraldas das encostas. Consequência, a artilharia não mais se podia esconder nos bosques e nas povoações nem escolher os sopés para as suas posições. Buscava, então, estas a meia encosta, de modo que os gases pelo proprio peso deslismem até em baixo ou sejam espalhados pelo vento. O emprego dos projectis toxicos teve ainda

uma outra grande influencia sobre a tactica da artilharia. No começo da guerra se utilisava de preferencia a artilharia de grosso calibre para a contra-bateria, especialmente para destruição do material. Hoje, com o emprego de granadas de gizes, uma bateria de 75 pôde bater, com rasoavel dispêndio de munição, qualquer bateria pesada, mesmo que se encontre completamente encoberta. Verdade é que não se conseguirá a destruição das peças inimigas com granadas toxicas de pequeno calibre, mas uma bateria poderá ser posta fóra de combate por varias horas ou mesmo dias com o emprego de gizes, tempo esse bastante para que tenha exito o ataque da infantaria, cahindo intactas as peças inimigas em suas mãos.

Depois de ter a Conferencia de Washington estabelecido em seu artigo 5º a proibição do uso de gizes toxicos e asfixiantes, poder-se-ia objectar que superfluos são hoje os comentários sobre o seu emprego em combate. As autoridades militares dos Estados Unidos, em face desse artigo, deram ordem para suspender a fabricação de tais gizes na America do Norte, mas com a restrição muito importante de que *sempre que não forem empregados em estudos ou em fins experimentaes*. E ao mesmo tempo para levar a cabo esses estudos o Senado Americano incluiu no orçamento de 1922 - 23 um aumento de 100.000 dollars sobre a importancia votada no anno anterior. O almirante norte americano Sims, que, pela franqueza, varias vezes tem chamado a atenção para a sua personalidade, assim se exprimiu a respeito do emprego de gizes: «Quando formos atacados, empregaremos gizes sem preoccuparmos do *que*, nem do *como*, nem do *porque*.» Não resta a menor duvida que será este o

ponto de vista que ha de seguir qualquer paiz quando tiver de combater pela sua existencia. Por isso, como nos Estados Unidos, continuam tambem em outros exercitos os preparativos para a luta dos gizes.

Ao finalizar esta conferencia, quero ainda resigar o ponto que se refere à capacidade imprescindivel da artilharia em seguir a infantaria em qualquer terreno. Já narrei como a artilharia allemã soube levar as peças pesadas atravez das planicies da Russia e Rumania, recobertas de lama produzida pela neve e a chuva, e como soube tambem dominar os areaes do deserto da Palestina. Na Asia Menor os officiaes allemaes que commandavam a artilharia turca, fizeram, a 3.000 metros de altitude, as peças atravessarem montanhas cobertas de um metro de neve, puchando os armões da artilharia leve com 8 cavallos e separadamente os canhões por 8 e até 10 bois.

Na campanha do General von Lettow — Vorbeck, na Africa Oriental, contra os ingleses e portuguezes, uma bateria de montanha foi transportada durante annos inteiros atravez de mattas virgens, atravessando largos rios e transpondo montanhas escarpadas. Os canhões eram levados atados em troncos de arvores sobre os hombros dos homens, ou montados sobre as rodas e arrastados alternativamente por 40 homens. E toda vez que se fez necessário, sempre a infantaria dispoz dos seus canhões. A questão do acompanhamento da infantaria pelos seus canhões nada mais é que uma questão de energia dos chefes. Todo oficial de artilharia se deve assenhorear bem desse principio!

Cávacos profissionaes

V

Sobre o tiro do F. M.

Distribuidos pelos corpos de tropa os nossos fuzis-metralhadores (F. M. Madsen) (*), como vem sendo desde ha 3 annos, são os commandantes de pequenas unidades e sub-unidades, que com elles têm que vêr, obrigados a ministrar aos seus commandados a instrucção do respectivo tiro.

Como não temos ainda um regulamento especial e nem instruções, mesmo provisórias, a respeito, simplesmente como um auxilio aos camaradas «das provincias», onde, bem o sabemos, por nellas termos moirejado durante 8 annos, como oficial de tropa, sempre arregimentado, é difficilima a acquisi-

ção dos nossos regulamentos quanto mais de trabalhos estrangeiros, vamos deixar aqui o nosso proceder em a sub-unidade que commandamos, em que, por falta absoluta de oficial subalterno, embora com o effectivo completo em praças, somos nós mesmos, que dirigimos pessoalmente, — de facto — a instrucção do tiro, não só do fuzil e mosquete como, e com mais forte razão, a do F. M. por ser um armamento ainda pouco conhecido entre nós e, em se tratando do Madsen, muitissimo delicado.

Extrahimos das «Instruções provisórias sobre a pratica do tiro de infantaria», francesas, (publicação já por nós citada nestas columnas), com as modificações, que nos pareceram cabiveis, á nossa conducta.

(*) Cujo aço do respectivo cano, dos F. M. da nossa Clá. tem se portado gallardamente pois, embora já com mais de 300 tiros dados e registrados, (no periodo do nosso commando, neste anno), conservam o mesmo calibre com que entraram (6m/m,00), isto ha mais de dois annos.

Eil-a :

TIROS DE INSTRUÇÃO

Esses tiros comprehendem :

1.º) Tiros á distancia reduzida (30m) ;

2.º) Tiros a distancias reaes.

Os 1.ºs se desdobram em :

a) Tiros de agrupamento ;

b) Tiros propriamente ao alvo.

Os tiros de a) podem ser intermittentes (tiro por tiro), ou continuos (rajadas).

*

O alvo para essas duas especies a) e b) de tiros pode estar no mesmo papel de 2m X 2m, emoldurado, em cujo centro deve acharse um visual de 4 centimetros de diametro.

Por falta dos «gabaritos» ou gabaris, aconselhados pelos franceses, esse visual será concentrico a 3 circumferencias de 8, 12 e 16 centimetros, respectivamente, de diametro, para o tiro por tiro; será de igual numero de circumferencias, de que o visual é concentrico, respectivamente de diametro igual a 12, 24 e 36 centimetros, para os tiros em rajadas.

O alvo para os tiros de b) é o mesmo que os de a).

Os tiros, sejam de a), sejam de b), são considerados «muito bons», «bons» e «regulares», se a totalidade dos tiros attingir o circulo interior, o medio ou o exterior, respectivamente.

Permittam-nos os camaradas instructores as seguintes observações :

A' distancia de 30 metros os nossos F. M. deram agrupamentos de impactos cujos pontos-medios se distanciaram, quando visamos o visual concentrico, de uns 4 centimetros acima desse visual, o que nos levou a deslocar o nosso visual de pontaria de uns 4 centimetros para baixo do bordo inferior do referido visual concentrico com as circumferencias. E que, ao iniciar uma turma essa instrucao, além das precaucoes tendentes a dar ao F. M. a maior estabilidade possivel (installação no terreno e apoio do atirador), os primeiros exercicios de tiro devem ser realizados pelos melhores atiradores, mesmo dos de fuzil, com o intuito de prevar aos futuros fuzileiros-metralhadores que as condicoes exigidas pelo quadro que aqui apresentamos podem ser satisfeitas sem demora, assim lhes tenha sido ministrada uma previa e cuidadosa «instrucao preparatoria» do respectivo tiro, como a do fuzil ordinario, com as modificações e accrescimos, que a diferença de funcionamento e uso do F. M. exigem.

O quadro exposto completa o essencial para a conducta nos tiros de 1.º :

TIRO A DISTANCIA REDUZIDA

Natureza do tiro	Genero do tiro	Alça	Posição do atirador	N. do exercicio
				Distribuição do alvo
1 30m	De agrupamento	Tiro por tiro	300m	1
2 a	Idem	Rajadas de 2 a 3 tiros	"	2
3 a	Idem	Tiro por tiro	"	3
4 a	Tiro ao alvo	Idem	"	4
5 a	Idem	Rajadas de 4 a 5 tiros	"	5
6 a	Idem	Detido	(13 a)	6
7 a	Idem	Detido	(13 a) 7 impactos no circulo maior	7
8 a	Idem	Detido	(13 a) 6 impactos no circulo menor	8
9 a	Idem	Detido	(13 a) 5 impactos no circulo menor	9
10 a	Idem	Detido	(13 a) 4 impactos no circulo menor	10
11 a	Idem	Detido	(13 a) 3 impactos no circulo menor	11
12 a	Idem	Detido	(13 a) 2 impactos no circulo menor	12
13 a	Idem	Detido	(13 a) 1 impacto no circulo menor	13

(a) Nesse tiro tem-se porilm corrigir a pontaria, por isto elle deve ser efectuado em duas phases n'uma das quais o alvo deve estar em movimento

(1) Curos tres primeiros devem ser de ensaio

(2) Idem

OBS.

Organizamos, tambem, a nossa escripta respectiva : a folha individual de tiro, tal como o quadro, accrescentando a casa «Nome»; aproveitando a casa—«Condições a satisfazer»—para a de «Impactos»; e a de «Obs»—para as occurrences do atirador que influam no seu progresso no tiro, e suprimindo as casas—«Distancias»,—«Alça, e N.º de cartuchos». E no mais, como a escripta do fuzil ordinario, em cujo «Mappa registro-trimestral» incluimos os nossos F. M. com o seu calibre, tiros, etc.

Posteriormente, se ainda opportuno, traremos dos tiros a distancias reaes.

Rio, Agosto de 1922.

CAP. FRANCISCO JOSÉ DUTRA.

Notas sobre a instrução dos Quadros no Serviço de Campanha

(Da Escola de Cavallaria da França)

(CONTINUAÇÃO)

O POSTO

VIII — O POSTO DE SEGURANÇA APPROXIMADA EM ESTAÇÃO

A ordem é dada ao chefe do posto pelo seu capitão e commandante do serviço (serviço sempre organizado em profundidade) de accordo com as instruções recebidas do commandante do estacionamento. Esta ordem comprehende as indicações relativas á situação geral do inimigo, logar do posto, limites do sector, direcções a vigiar, collocação dos postos vizinhos, senha, conducta em caso de ataque e maneira de subsistencia dos homens e cavallos.

A collocação será geralmente designada pela carta e só poderá ser feita approximadamente ; o chefe segue para ahi, dirigindo seu grupo como uma patrulha e tomará rapidamente suas *disposições provisórias*, simples e rápidas, (coloca os postos em um logar desenfiado, destaca as sentinelas indispensáveis) que lhe vão permitir fazer o reconhecimento do seu sector.

Este reconhecimento deve ser feito visando os dois pontos seguintes : Organização tão económica quanto possível da vigilância (fim principal) e verificação da possibilidade da resistência.

O chefe toma então as suas disposições definitivas ; o estabelecimento do posto é determinado pelo das sentinelas, collocando-o todas as vezes que for possível nas proximidades de uma posição de sentinelas ; a sentinella pôde então ser simples e a pé, o que é duplamente vantajoso.

A sentinella dupla deve ser empregada em terreno coberto, ou quando a distância do posto assim o exija.

Os graduados devem estar exercitados em dar ordens precisas e completas ás sentinelas, fixando-lhes um ponto de referencia, etc.

O posto é abrigado, sempre que possível, sem nenhum sacrifício de sua missão ; a vigilância é completada pelas patrulhas de postos avançados.

O chefe do posto deve organizar o serviço de modo que as sentinelas e patrulhas, especializadas em suas funcções, conheçam perfeitamente o terreno e possam alcançar os seus logares ou percorrer seus itinerários sem erro e movimentos visíveis para o lado do inimigo.

E' preciso refletir que um posto de sentinelas duplas exige 6 homens, afim de poder dar-se ás sentinelas um repouso de uma hora de duração dupla da do seu quarto ; portanto, um posto que tenha de formar uma sentinella simples e uma dupla, deverá contar só para este serviço, 9 cavalleiros e, ajudando-se-lhes os patrulhadores chega-se, ao efectivo de um meio pelotão, efectivo este, indicado como maximo, pelo regulamento.

O efectivo do posto é fixado pelo seu commandante.

A ligação com os postos vizinhos é estabelecida por uma patrulha, desde que o posto se estabeleceu definitivamente ; ella é substituída á noite, no caso em que os postos mudem de logar.

De noite, sendo só as estradas perigosas, pôde admittir-se que a resistência é sempre possível ao posto, que deve barral-as, ganhando assim um tempo precioso.

Em caso de *aproximação do inimigo*, o chefe do posto deve ir até proximo ás sentinelas, apreciar de visu a situação e informar para a retaguarda e aos postos vizinhos ; resiste pelo fogo si a posição lhe permite e quando tiver de retirar-se sobre os P. P., conformar-se-á com as ordens recebidas do capitão (afim de não entravar a acção dos defensores das barricadas) continuando a vigiar o inimigo e não perdendo occasião de hostilisal-o (fogo sobre os flancos, por exemplo).

IX — O POSTO DE CORRESPONDENCIA

Ainda aqui o chefe gosa de uma relativa independencia para escolher a collocação do posto, nas proximidades do ponto indicado.

Uma ou varias sentinelas devem ter

vistas bastante extensas, para poderem perceber o estafeta, que muitas vezes só tem uma indicação geral do lugar do posto e chamar, si fôr preciso, a sua atenção.

O serviço deve ser organizado minuciosamente, com obediencia ás regras fixadas pelo regulamento, de maneira que o *despacho passe pelo posto sem se demorar*; a questão do recibo a dar ao estafeta portador do despacho é regulada depois da sua remessa, que é o mais importante.

O regulamento determina que o chefe possua um *caderno de registro*, sem impôr modelo. O que abaixo é indicado parece simplificar a escripta, tanto quanto possível, e lembra ao chefe do posto que a hora da chegada de um despacho deve ser igualmente a da partida.

CHEGADAS		HORA	PARTIDAS	
Vindo de...	Levado por...		Endereçado á...	Levado por...

Os recibos serão também preparados com antecedencia.

A transmissão das informações pelo posto de correspondencia, faz-se, em geral, em uma zona de relativa segurança; entretanto, um destacamento de descoberta terá interesse em deixar á sua retaguarda um posto de correspondencia, cuja collocação será conhecida por elle e pelo chefe da exploração; — é preciso tudo prever porque zona alguma pôde ser considerada absolutamente segura.

Em caso de approximação do inimigo, o chefe dissimula o seu grupo e retoma em seguida o seu serviço, uma vez passado o perigo; — não tem interesse em tentar uma resistencia, salvo se a sua posição sobre um curso d'água intransponivel, por exemplo, der a essa resistencia um valor real.

O PELOTÃO

O pelotão será estudado successivamente com todas as missões, que lhe pôdem ser dadas para garantir a segurança, em marcha

ou em estação, das columnas de cavallaria das de todas as armas; no papel de destaqueamento de descoberta, quando agindo com fracção de cavallaria divisionaria, antes e durante o combate e de apoio da Artilharia.

Serão igualmente feitos exercícios de emprego de fogos de pelotão, executados em combate a pé, offensivo ou defensivo.

X — PELOTÃO TESTA DA V. G. DE UMA COLUMNAS DE CAVALLARIA

A testa da V. G. é uma reserva á disposição da ponta; fica sob as ordens do oficial do pelotão, chefe da ponta; ha pois, íntima ligação entre estes dois escalões da V. G.

No conjunto da V. G. o papel de «reconhecimento», pertence mais regularmente ao elemento «testa-ponta», e o papel tactico ao «Corpo da V. G.».

O grosso do pelotão fica em cada lance ás ordens de um sargento, transportando-se ao alcance da ponta; esse graduado toma a formação de marcha mais appropriada á situação e ao terreno (vulnerabilidade, conservação dos cavallos) e faz alto ao abrigo das vistas, atraç do ponto de observação da ponta.

Nestas condições, sómente o oficial, que em cada alto, deve preparar seu novo lance, pôde tirar do pelotão, a tempo, os elementos de que precisar para fazer os reconhecimentos que a ponta não possa fornecer; e assim, pôde também, no momento opportuno, apoiar uma accção offensiva da ponta ou acolhel-a em caso de insucesso.

Quando a ponta inicia sua marcha, a testa segue-a, sempre ligada pela vista, e a uma distancia tal, que em caso de surpreza não seja atacada ao mesmo tempo que ella.

A ligação com o corpo, é feita por este, que para tal fim destaca um grupo de balisadores, commandados por um graduado.

Para a execução dos lances, o pelotão regula-se pelá ponta, porém, a velocidade geral de marcha, lhe é dada pelo corpo da V. G. onde marcha o commandante da columna.

Pôde estudar-se as seguintes situações:

— A estrada atravessa uma localidade ou um bosque muito extenso, para que a ponta possa reconhecer os dispersão em forrageadores de todo ou parte do pelotão, sobre

a frente a reconhecer, si o terreno é aberto, ou em pequenos grupos sobre pontos de direcção, no caso contrario; é o unico meio de tudo ser rapidamente visto, pois, que a V. G. anda sempre depressa.

— A ponta ataca uma forte patrulha inimiga: — o pelotão avança resolutamente e a secunda, depois faz alto em uma posição dominante, reconstituindo-se, porém, sem se deixar arrastar á perseguição.

— A ponta surprehendida é repellida em uma povoação: o pelotão recolhe-a, observa a entrada, lança imediatamente patrulhas para os caminhos lateraes e não hesitará em contornal-a, si estiver mantida por pequena tropa, fazendo assim cahir a resistencia.

— Os esclarecedores da ponta assignalam um esquadrão marchando francamente na direcção da columna: — o official retoma o commando do pelotão, depois de ter completado o reconhecimento do inimigo; — em terreno cortado ou accidentado, manobra, fazendo uso dos fuzis, até que chegue o corpo da V. G., para impedir ao inimigo de installar-se (um pelotão não pode fazer mais); — em terreno aberto, o pelotão afasta-se da entrada, evitando assim ser recalcado e desordem sobre o esquadrão e fica, como escalão avançado, sobre o flanco do inimigo, prompto para agir si o corpo da V. G. for atacado, ou melhor atrahe a si o inimigo, afim de obrigar-l-o a dar o seu flanco ao corpo da V. G.

XI — PELOTÃO TESTA DA V. G. DE UMA COLUMNNA DE TODAS AS ARMAS (C. D.)

Suppõe-se o pelotão, na marcha de uma divisão de infantaria enquadrada, por exemplo: a testa do esquadrão divisionario, cujo grosso marcha na V. G.

Os principios são os mesmos, relativos á *testa* e a *ponta*, porém, o pelotão na frente da iufantaria necessita de reconhecimento mais detalhado do terreno, no que é mais facilitado pela menor velocidade de marcha.

Os lances sendo feitos ao trote, em cada hora de marcha, o elemento «testa-ponta», marchará 15 minutos e estacionará cerca de 45 minutos, mais ou menos, fazendo no maximo tres lances, dispondo o seu chefe, em cada ponto de parada, pelo menos de 10 minutos para observar.

Chegado ao fim do seu lance, estabelecerá com os cavalleiros de sua ponta, uma linha

de sentinelas, ligando-se pela vista, sobre a frente cuja vigilancia lhe incumbe; e prepara o novo lance enviando deste ponto as patrulhas necessarias ao reconhecimento do terreno, que se estende diante de si, patrulhas estas tiradas do pelotão e que terão sua missão limitada até o ponto escolhido para o novo lance.

No momento de deixar esse ponto, o chefe do pelotão reformará sua ponta, reunindo suas sentinelas, e avançará para o *novo ponto*, onde tomará contacto com suas patrulhas e procederá de modo semelhante.

De accôrdo com os principios já enunciados, ha interesse em destacar, em primeiro logar, as patrulhas que têm de apeiar mais longe, sobre as margens da estrada.

No caso em que o pelotão constitue toda a cavallaria da V. G. deve garantir a segurança dos flancos do Corpo da V. G., por patrulhas lançadas a uma distancia calculada ao alcance do canhão, si a columna estiver isolada ou muito longe das columnas vizinhas.

Esta disposição do pelotão, deixa muitas vezes na mão do seu chefe um reduzido numero de cavalleiros; isso pouco importa, porém, porque o objectivo da cavallaria divisionaria é prevenir em tempo a infantaria, e não dispôr de tropa para combater, papel este da alçada da infantaria, que em compensação pede lhe seja dada uma tranquilidade moral absoluta por meio dos reconhecimentos e informações.

XII — PELOTÃO COBRINDO O FLANCO DE UMA COLUMNNA DE CAVALLARIA

Um pelotão recebe a missão de cobrir durante a sua marcha, em columna de estrada, o flanco de uma divisão de cavallaria de 4 regimentos e 2 baterias, supondo-se a V. G. forte de 2 esquadrões.

O flanco das fortes columnas de cavallaria é coberto por uma *successão* de patrulhas, seguindo um itinerario parallelo. O pelotão se dividirá em um certo numero de patrulhas que, para desempenharem a missão que lhes incumbe, deverão marchar:

1.º — de tal maneira, que a *primeira* dentre elles esteja á altura do Corpo da V. G.; no presente caso, calculando-se em 2 kilometros a distancia da V. G. ao grosso e a profundidade deste sendo de 3 kilometros, o pelotão terá de cobrir uma pro-

fundidade mais ou menos de 4 kilometros (a ultima patrulha não tem necessidade, em virtude da velocidade de marcha da columna, de se achar á altura de sua cauda);

2.^o — sobre um *itinerario escolhido de maneira a cobrir á distancia do alcance do canhão*: devido a rapidez de manobra da cavalaria, o itinerario escolhido satisfactorio será o que, passando nas posições da artilharia situadas sobre o flanco, der naturalmente largas vistas sobre o horizonte.

Como *processo*, o chefe do pelotão poderá por exemplo, dividir sua tropa em 6 patrulhas: 4 commandadas pelos seus cabos (de 3 cavalleiros), uma sob o commando de 1 sargento (de 5 cavalleiros) e a 6.^a sob o seu commando, composta dos demais cavalleiros e do outro sargento, (10 mais ou menos); marchará na testa e compete-lhe escolher o itinerario, portanto, será o primeiro a entrar em terreno virgem, de onde deverá fazer irradiar cavalleiros, em cada um de seus lances, quando a vista não tiver grande campo, e finalmente quem estabelecerá as ligações.

As patrulhas de cabos serão grupos intermediarios, marchando com ordem de balisarem-se, afim de manterem a distancia de 600 a 700 metros, approximadamente, do grupo precedente e de escolherem, nos tempos de parada, pontos de estacionamento d'onde possam observar sobre o flanco; a patrulha de sargento, fechando a marcha, leva consigo os retardatarios e reune todos os grupos, uma vez terminada a missão.

A *ligação* é estabelecida pelo grupo da testa, que é sob o ponto de vista do ataque de flanco, o que mais interesse tem em estar bem collocado, e ao qual deu-se uma força capaz de desempenhar essa missão, ella pode tambem ser auxiliada pelo grupo da cauda, em caso de necessidade.

A *informação*, se parte do primeiro grupo, é levada ao Corpo da V. G., onde se encontra o chefe; se vem de um dos outros grupos, deve ser levada, ao mesmo tempo, ao chefe e ao commandante do regimento ameaçado.

Situação a estudar:

— A columna pára: — alto guardado, immobilisação automatica de todo o systema;

— A Divisão toma uma formação em massa: — o sargento, que dirige o elemento da cauda, reune o pelotão, que continua a manter o seu serviço sobre o flanco, se não

receber ordem ao contrario, seja fornecendo as patrulhas de combate necessarias, seja esforçando-se com o seu grosso para impedir que os reconhecimentos inimigos desempenhem suas missões.

— Nos terrenos onde a marcha parallela não fôr possivel, é preciso operar por sondagens.

O pelotão pôde marchar sobre a estrada com a V. G. e enviar, pelas transversaes, grupos de 2 a 3 cavalleiros sobre os pontos interessantes, (alturas ou bifurcações de estradas), com ordem de ahí estacionarem até que a columna tenha se escoado e de regressarem em seguida sobre a mesma estrada, pelo mesmo itinerario; um graduado é encarregado de reunil-os á retaguarda da columna.

XIII — PELOTÃO COBRINDO O FLANCO DE UMA COLUMNA DE TODAS AS ARMAS (C. D.)

Não se pôde tratar aqui do caso geral, onde a columna de todas as armas se guarda pelas flanco-guardas, compostas na maior parte de infantaria e ás quaes se acrescentam alguns cavalleiros.

O caso, que se considera, é o particular da cavalaria divisionaria que fará só a segurança sobre o flanco (segurança esta relativa, isto é, de um flanco guarda fazendo cobrir o seu proprio flanco pela cavalaria, etc.).

1.^o — *O tempo de escoamento das columnas, necessita de estacionamento prolongado dos elementos de observação e lhe determina a duração;*

2.^o — Não será sufficiente que estes elementos atinjam as cristas de onde o canhão possa ameaçar a estrada; quando uma ameaça de artilharia fôr assinalada, a columna destacará fracções que, deslocando-se atravez dos campos, irão ocupar posições de artilharia ou outras d'onde essas posições possam ser batidas.

Isto exige tempo, que é encontrado na maior distancia a que são lançados os elementos de observação, distancia que deve ser muito grande para permitir chegar em tempo util a informação, para a columna tomar as suas disposições.

Sob o ponto de vista dos *processos*, eis aqui dois, que entre outros podem ser empregados:

1.^o — Uma columna de corpo de exercito marcha sobre uma unica estrada, o pelotão

está encarregado da segurança sobre o flanco, entre tal e tal linha; outras fracções estando encarregadas da mesma missão na frente e atras dessa linha.

O chefe do pelotão assegura a sua missão, estabelecendo sobre a linha de vigilancia, que elle tenha escolhido e nos pontos favoraveis (alturas, caminhos vindos da direcção perigosa), verdadeiros postos que deverão estar em posição e alerta no momento da passagem da V. G. e á sua altura, cessando a sua missão depois que a columna toda tenha se escoado. Este serviço durará 7,30 (horas).

2.º — O pelotão é encarregado de cobrir o flanco de uma brigada de infantaria, reforçada com 3 baterias, flanco-guarda móvel de um corpo de exercito, durante todo o tempo de sua marcha.

Esta columna, incluindo a distancia da V. G., tem uma profundidade de 7 kilómetros.

O chefe do pelotão marcha por lances na altura da V. G. pelo itinerario escolhido; chegando ao ponto onde julga poder deixar uma vigilancia, ahi estabelece um posto A. Este posto, de efectivo tão reduzido quanto possível, (3 a 6 cavalleiros), permanecerá em observação durante o tempo do escoamento da columna, seja 1,45 (horas); quando a cauda da columna chega á sua altura, elle reúne-se ao trote ao posto seguinte B e o substitue. O posto B, depois de haver dado a A todas as informações necessarias, vai substituir o posto C e assim por diante. Para facilitar este movimento de *gaveta*, o chefe do pelotão leva a B um cavalleiro do posto A, que voltará ao seu posto, afim de indicar exactamente o estabelecimento do seguinte e o itinerario a seguir para alcançal-o.

Em um e outro caso, o longo estacionamento dos postos permite a *irradiação* em torno do ponto escolhido e a *ligação frequente* com a columna; mostram-se-lhe assim os cavalleiros e fica-se a todo o instante ao corrente de sua marcha.

3.º — O estudo do papel do pelotão de retaguarda não tem interesse especial, salvo o caso da marcha em retirada.

XIV — PELOTÃO RETAGUARDA DE UMA COLUMNAS DE CAVALARIA

No caso em que o inimigo segue de longe, o pelotão e sua ponta operam como a V. G., porém em sentido inverso.

Quando a perseguição é activa, o pelotão marca os seus lances nos pontos onde a resistencia fôr possivel; esta resistencia deve sómente permittir á columna escapar da pressão do inimigo, é pois, passageira evitando a retaguarda de engajar-se a fundo; a *acção a cavallo* raramente será bem sucedida sinão neste caso; a *acção pelo fogo* permite-lhe retardar o inimigo sem se engajar e romper o combate por escalões.

Os pontos escolhidos serão os que permitirem uma resistencia pelo fogo, tales como: pontes, contornos de povoados, desfiladeiros, etc. Ha vantagem de fazer os lances espaçados, porque com cada um delles, o chefe do pelotão deve sinão *organizar*, pelo menos *prever a resistencia*, porque assim ha mais probabilidade de deixar o inimigo no vacuo, retirando-se.

A retaguarda deve fornecer um serviço de *patrulhas sobre o flanco*, com o duplo objectivo de prevenir as surpresas dirigidas contra a columna e evitá-la de ser cortada.

Estas patrulhas, ao contrario d'aquellas da V. G., se manterão atras da retaguarda, formando com a ponta um arco de circulo convexo em relação ao inimigo.

Pode-se estudar as seguintes situações:

— Um esquadrão inimigo surge sobre a estrada; resistencia pelo fogo em lugar escolhido, a vigilancia dos flancos aumenta de importancia; desde que o inimigo (que sem duvida deixará uma cortina e contornará como uma parte do seu efectivo), desenha uma manobra, montar a cavallo, deixando no combate a pé um ligeiro escalão que seguirá o movimento desde que o grupo principal abandone a posição.

— O inimigo muito nitidamente visto, esconde-se: conservar o contacto, custe o que custar, porque esse proceder não passa de um ardil.

— Durante uma parada, em um de seus lances, o chefe do pelotão vê a tropa que está cobrindo, marchar contra um adversario que atacou de flanco: deixar a ponta em observação e ir em socorro com o grosso do pelotão, que se esforçará para agir sobre o flanco ou retaguarda.

XV — PELOTÃO PONTA RETAGUARDA DE UMA COLUMNAS DE TODAS AS ARMAS (C. D.)

Suppõe-se ser o pelotão a unica cavallaria da retaguarda de uma columna de todas as armas.

Considerações analogas ás que foram feitas a propósito de seu papel na V. G. diferenciando sómente a missão do pelotão, segundo elle estiver á retaguarda de uma columna de cavallaria ou á de uma columna de todas armas.

O tempo de duração de parada em cada lance permite ao chefe do pelotão de estender sobre a frente a cobrir uma verdadeira rede de sentinelas e de enviar as patrulhas necessárias, fixando sobre o terreno o ponto onde devem reunir-se.

Ao pelotão incumbe sómente o papel de observação; o de resistência pertencendo á

infantaria, que elle deve evitar, á todo o preço, de ser surprehendida e fuzilada; este duplo objectivo faz o chefe do pelotão não esquecer que de sua missão decorre o dever de cobrir os flancos da retaguarda e que as patrulhas enviadas para este fim, serão destacadas a uma distancia tanto maior, quanto mais forte fôr o efectivo da retaguarda; — é justamente a parte mais delicada do seu papel, ter sobre os flancos, no ponto e no momento desejados, os observadores necessários.

Continúa

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(CONTINUAÇÃO)

MARCHA PARA MISSÕES

(Carta 2)

Do interior da província, mais 15 batalhões brasileiros marchavam para a fronteira as Missões, com um efectivo de 8.000 homens, enquanto que o general Porto Alegre, em Uruguaiana, ia organisando o 2.º corpo de exercito, que afinal só se completou em S. Borba.

A' frente desse corpo, o general Porto Alegre pouco depois transpoz o rio Uruguay, acampando em S. Thomaz, após alguns reconhecimentos nas margens do rio Paraná.

Contava um efectivo de 14.000 homens e ameaçava invadir o Paraguai por Itapúa, apenas aguardando ordens a respeito.

Esse corpo de exercito havia marchado para a fronteira das Missões com um objectivo de grande importânciâ e que ficará combinado em conselho dos generaes por occasião do cerco de Uruguaiana.

Competia-lhe cobrir as fronteiras do Rio Grande do Sul e Corrientes, ameaçar a invasão do Paraguai pelo territorio das Missões e operar posteriormente de acordo com o exercito aliado.

Infelizmente, não pôde essa unidade, por falta dos recursos necessários, invadir o Paraguai pela linha Itapúa-Tebiquary, como tanto convinha para obrigar o marechal Solano Lopez a dividir suas tropas.

Este bem comprehenderá o perigo que representava esse corpo e tanto assim que

destacou o coronel Nunez, com 3.000 homens e 12 bocas de fogo, para vigiar-o.

Entretanto, o tempo se passava e nem o bravo 2.º corpo recebia os recursos de que carecia nem a ordem para a execução do projecto de invasão do Paraguai.

Nestas condições, o general Porto Alegre solicitou autorisação para reunir-se ao exercito aliado em operações, o que lhe foi concedido, ficando assim alterado o primitivo plano de operações, tão intelligentemente concebido.

O governo brasileiro, sciente desse facto, comunicou ao general Porto Alegre que lhe ficava livre o direito de reunir-se aos aliados ou operar separadamente, em ligação apenas com a esquadra.

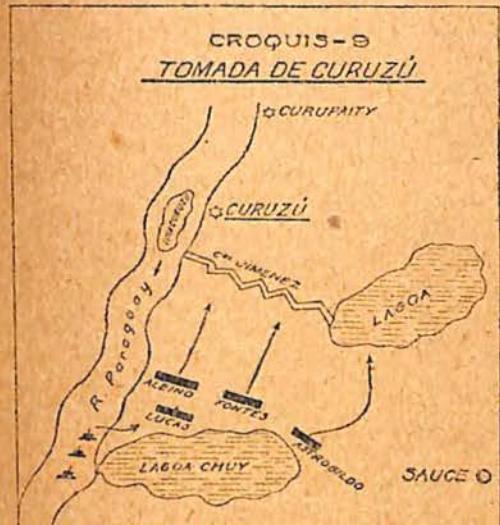
O almirante Tamandaré, parente e amigo do general Porto Alegre e com o qual havia trocado correspondencia sobre as operações, destacou uma esquadilha, sob o commando do capitão de mar e guerra Alvim, para subir o rio Paraná, isso a 5 de Junho.

Por sua vez, o 2.º corpo encetou a marcha na direcção da esquadilha, rumo de Tranquera de Loreto, ficando em Itaimbé, de observação ás fronteiras do Rio Grande do Sul e Corrientes, o brigadeiro Portinho, á frente de 2.650 homens e 4 bocas de fogo, fazendo parte dessa tropa 300 correntinos commandados pelo coronel Reguera.

O 2.º corpo embarcou por partes. O corpo de caçadores a cavallo chegou a Itapirú no dia 10, tomando ainda parte no ataque de 18, os demais corpos chegaram a 29, e a

cavallaria seguiu por terra até Corrales, só em meados de Agosto, conseguindo-se a reunião total das tropas do referido corpo em território paraguayo.

TOMADA DE CURUZÚ



Logo após á chegada do 2.º corpo de exercito, combinaram os generaes, em conselho, que esse corpo seguisse em uma esquadilha, rio abaixo, com o fim de tomar uma fortificação existente em Curuzú, pouco abaixo de Curupaiti, da qual era uma especie de guarda avançada.

O general Mitre aceitou essa idéa apenas para ser agradável aos demais generaes, pois não confiava no exito dessa operação na direita paraguaya.

Iniciou-se a operação a 1 de Setembro, zarpando os couraçados *Brasil*, *Bahia*, *Barroso*, *Lima Barros*, *Rio de Janeiro* e *Tamandaré*, as canhoneiras *Araguary*, *Belmonte*, *Beberibe*, *Greenhalgh*, *Ypiranga* e *Parnaíba* e 3 baterias fluctuantes para a ilha dos Palmares, pouco abaixo de Curuzú, onde ancoraram, dando começo logo ao bombardeio da posição inimiga.

O 2.º corpo embarcou no dia seguinte, a bordo dos transpartes *Charrua*, *Presidente General Flores*, *Diligente*, *Leopoldina*, *Riachuelo*, *Marcilio Dias*, *Galgo*, *11 de Junho* e *16 de Abril* e em 3 chatas, levando um efectivo de 8.132 homens, dos quaes 3.400 cavallerianos a pé.

Chegando ao ponto de destino, a tropa tratou logo do desembarque, visto considerar convenientemente preparada a accão pela artilharia de bordo.

Infelizmente, porém, quando manobrava para melhor auxiliar a operação do desembarque, aproximando-se de Curupaiti, foi o couraçado *Rio de Janeiro* atingido por 2 torpedos, indo pelos ares, perecendo no desastre o commandante Silvado, 3 outros officiaes e 50 praças.

Uma vez em terra, o 2.º corpo tentou avançar contra o inimigo, graças a uma picada aberta pelos pontoneiros, mas a operação não foi possível, porque a fuzilaria adversaria era terrível e a ella se juntava o horror dos incendios ateados ás mattas pelo inimigo.

Cahindo a noite, o 2.º corpo teve de acampar em um sitio, que lhe pareceu conveniente, o destacamento de engenharia organizando-o defensivamente mesmo á noite.

No dia seguinte, duas columnas, respectivamente commandadas pelos generaes Albino de Carvalho e Gonçalves Fontes, investiram contra o adversario, apezar do fogo terrível da artilharia e do fuzil, sendo ambas reforçadas pela 3.ª divisão de cavallaria a pé, commandada pelo capitão Lucas de Lima.

Engajado o mortifero assalto, o general Porto Alegre ordenou ao tenente-coronel Astrogildo que, com 1 brigada de infantaria, vadeando a lagôa em que o adversario apoiava sua esquerda, por ahí o envolvesse.

Essa operação poz logo os paraguayos em franca derrota, sendo, então, encetada a perseguição immediata do adversario em fuga, o que foi feito a espada e lança.

Curuzú cahio assim em poder do 2.º corpo de exercito brasileiro.

A accão custou aos paraguayos 800 mortos, 1.800 feridos, 30 prisioneiros, 13 canhões, bandeiras e muito material bellico, e aos brasileiros 10 officiaes e 120 praças mortas e 695 feridos.

Curuzú era guarnecido por 3.000 combatentes, sob o comando do coronel Jimenez, que tinha como auxiliares o major Lage e os capitães de marinha Gill e Ortiz e Blaz Moutiel.

Faziam parte da guarnição o 4.º, 10.º e 20.º batalhões de infantaria, 1 regimento de cavallaria a pé e 13 bocas de fogo.

O dictador Lopez, atribuindo a derrota ao 10.º de infantaria, mandou fuzilar varios officiaes e praças desse batalhão, rebaixando os demais officiaes que escaparam ao fuzil e dissolvendo, por fim, o batalhão.

CONSIDERAÇÕES

A tomada de Curuzú, realizada pelo general Porto Alegre, demonstrou cabalmente quão bem avisado andou esse chefe quando ordenou ao tenente-coronel Astrogildo o envolvimento da esquerda paraguaya, fugindo assim à praxe já inveterada dos combates puramente frontaes, que, quando muito, conseguiram recalcar o adversário na direção de sua própria linha de retirada.

Como vimos, só esse movimento inteligente foi o bastante para que o adversário abandonasse a posição, considerando-se derrotado.

A perseguição levada a efeito imediatamente pelo vencedor egualmente demonstrou a capacidade militar do bravo cabo de guerra, que foi pena não ter podido agir por conta própria, quando acampado na fronteira paraguaya à espera de ordens.

Quanto aos paraguayos, cometeram eles o grave erro de confiar demasiadamente no valor do obstáculo em que apoiaram seu flanco-esquerdo.

Um pequeno destacamento, habilmente dirigido, teria colocado em verdadeiro perigo as tropas do tenente-coronel Astrogildo, apesar de sua bravura extrema.

Mas não ocorreu idéia alguma aos paraguayos e a consequência disso foi a derrota, aliás muito séria, pois que, além da perda da posição e de grande quantidade de material bélico, ainda incorreram eles nas iras do ditador Solano Lopez.

**

A tomada de Curuzú representa a primeira acção militar da campanha em que o comando em chefe, em face de uma situação difícil, recorre ao artifício estratégico.

O resultado foi positivo, como era natural, mostrando as grandes vantagens de uma manobra envolvente em confronto com os simples combates frontaes, cujos resultados são no geral problemáticos e quando se positivam ficam em regra aquém dos sacrifícios despendidos.

CAPITULO VII

ATAQUE DE CURUPAITY

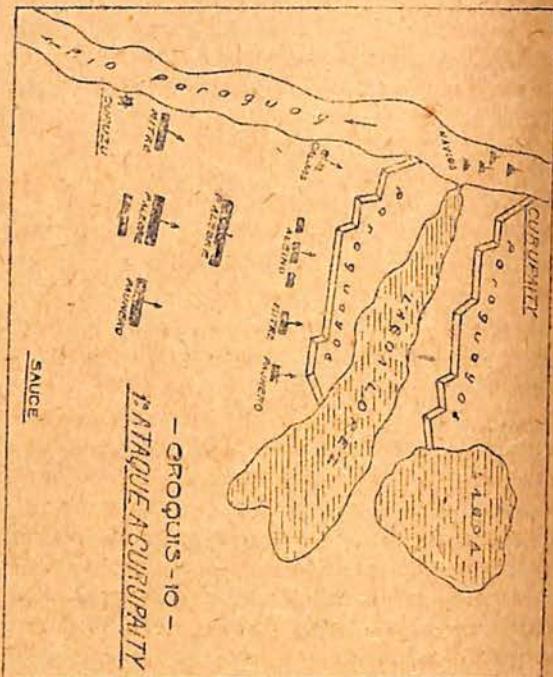
A queda de Curuzú implicava no ataque imediato a Curupaity, pois outro não fôr o objectivo daquella operação.

Mas assim não sucedeu, pois, como sempre, o general Mitre esperava que os adver-

sários bem se solidificassem em suas novas posições para depois atacá-los.

Além disso, um incidente inesperado veio ainda retardar a acção:

No dia 10, apareceu um parlamentario paraguayo, portador de um convite do dictador Lopez ao general Mitre para uma confe-



rencia pessoal entre as linhas dos dois exercitos.

Acceito o convite, a entrevista realizou-se no dia imediato, 11 de Setembro de 1866, em Iataity-Corá, della nada resultando de positivo, pois que o dictador Solano Lopez propuzera a paz em condições inaceitáveis.

Parece mesmo que o seu objectivo não era obter a paz, mas apenas ganhar algum tempo de que precisava para melhor solidificar as obras de defesa, que desde o dia 3 havia iniciado ardorosamente em Curupaity.

Essa conferencia e outros incidentes deram causa a certas divergências entre os generaes aliados.

Comtudo, a 13 de Setembro estavam os aliados concentrados em Curuzú, promptos para iniciar o movimento, para o que nesse dia e ainda a 15 o general Porto Alegre reconheceu a posição inimiga.

O ataque seria feito em combinação com a esquadra.

Dividiram-se os atacantes em 4 columnas, 2 brasileiras devendo investir pela esquerda e centro de Curupaity e a argentina pela

direita, ficando a ultima, tambem brasileira, como reserva.

O general Porto Alegre commandaria as 3 columnas brasileiras e o general Mitre a argentina.

Préviamente, havia sido construido um espaldão com 9 canhoneiras para auxiliar o movimento das tropas atacantes.

O general Polydoro recebeu a incumbencia de atacar na mesma occasião Sauce e Riojas, enquanto o general Flores ameaçaria o flanco esquerdo do systema geral de fortificações do adversario.

Na manhã de 22, a esquadra rompeu o bombardeio, enquanto o commandante Lobo d'Eça, com 8 canhões raiados e o 4.^º batalhão de artilharia, avançava para guarnecer o espaldão.

Curupaiti compunha-se de 2 linhas de entrincheiramentos, sendo a primeira formada por um parapeito com um fôssos de 2^m,62 de largo por 2^m,20 de profundidade, dispõendo de 28 canhões de campanha; e a segunda, em terreno mais elevado, formada de altos parapeitos, com um fôsso de 5^m,94 de largura por 3^m,96 de profundidade, tendo na sua frente immenso e profundo banhado, e linhas de abatizes nas proximidades de contra-escarpa, dispõendo em linha de 40 canhões de grosso calibre.

Nessas condições, a bateria brasileira teve de lutar com verdadeiras dificuldades para atingir o espaldão, o que afinal conseguiu, mas á custa de muitas vidas.

Hora e pouco, porém, depois de ocupar a posição, conseguiu a bateria brasileira obrigar a 1.^a linha paraguaya a abandonar o entrincheiramento, recolhendo-se á 2.^a linha, o que representou importante victoria, visto a artilharia brasileira ser de pequeno calibre.

Travada em seguida a luta com a 2.^a linha, mais poderosa que a 1.^a, a acção prolongou-se até depois do meio dia, hora em que foi ordenada a interrupção do fogo para iniciar-se o assalto.

As columnas assaltadas apresentavam um efectivo de 16.000 homens.

O coronel Francisco Caldas, com 10 batalhões de infantaria, recebeu a missão de atacar a direita paraguaya; o general Albino de Carvalho, com 3 brigadas da mesma arma, recebeu a incumbencia de atacar o centro; os generaes Mitre e Paunero, com um corpo de exercito argentino, ficaram com a missão do ataque á esquerda.

O general Porto Alegre, conservando em reserva uma columna brasileira, mandou

retirar a linha de atiradores que tiroteava com o inimigo e ordenou a carga geral.

Nessa occasião, 58 canhões paraguayos vomitaram terrível fogo contra os assaltantes, enquanto o vice-almirante Tamandaré, por sua vez, ordenava que os couraçados *Bahia* e *Lima Bastos*, secundados pelo *Brasil*, *Barroso*, *Tamandaré* e varias canhoneiras, se approximassem das baterias adversarias e as atacassem com violencia.

A acção da esquadra foi de resultados pouco efficazes, em virtude da grande altura dos barrancos do rio, muito estreito, além disso, nesse ponto.

Contudo, apezar de grandes perdas, os assaltantes conseguiram apoderar-se da 1.^a linha.

Reorganisando a columna, o general Porto Alegre pessoalmente dirigio o avanço para a 2.^a linha e 50 soldados, adeantando-se, conseguiram arrebatar 4 canhões adversarios, sendo, porém, mortos nessa occasião, dentro das trincheiras em que já haviam penetrado.

Um banhado interceptou o avanço da columna do centro, que debalde procurou vadeal-o, sendo, afinal, obrigada a refluir para a esquerda.

A columna da esquerda, como a outra, estava sendo dizimada pela violencia do fogo inimigo e tambem os argentinos, á direita, estacavam deante de sérios obstaculos.

Entrou por isso em acção a reserva, auxiliada pela intrepida cavallaria, a pé, do coronel Lucas de Lima, recrudescendo o combate.

Mais de dez vezes investiram os aliados contra as trincheiras paraguayas e mais de dez vezes foram rechaseados, tendo sempre o general Porto Alegre a estimular-lhes a bravura.

Afinal, o general Mitre enviou por um ajudante a ordem de retirada e ás 4 horas da tarde iniciou-se esse movimento com extrema pericia.

Quanto aos generaes Polydoro e Flôres, não haviam elles realizado o ataque a Sance e a Riojas, como havia sido combinado, em consequencia de não lhes haver chegado o signal convencionado, mas isso não causou dano algum, porque a acção daquelles generaes não conseguiria grandes vantagens, visto que o dictador Lopez dispunha de 16.600 homens de reserva para qualquer emergencia.

Mais uma vez ficava demonstrado que não se toma de frente uma posição solidamente

fortificada, quando se pôde fazel-o de flanco ou por acções combinadas.

Infelizmente, porém, os aliados não se libertavam da mania de quererem «pegar o touro pelas guampas!».

Depois desse desastre, o general Mitre recolheu-se com os destroços de suas tropas a Tuyuty, aparecendo, como era natural, novos desgostos entre os generaes.

Tiveram os aliados em Curupaity 4.648 baixas, sendo 2.082 de argentinos e 2.266 de brasileiros, das quaes 30 de officiaes e 557 de soldados argentinos mortos e 48 de officiaes e 364 de soldados brasileiros tambem mortos.

Logo em seguida ao desastre, o general Flôres teve de retirar-se do commando de suas tropas para attender a questões de ordem politica surgidas na capital do seu paiz, passando a substituir-o o general Henrique Castro.

Pouco depois, foi o general Venancio Flôres assassinado nas ruas de Montevideó.

A lamentavel derrota de Curupaity echoou desagradavelmente nas capitais dos paizes aliados, como aliás era natural, a politica agitando-se e provocando, afinal, varias providencias que modificaram profundamente a norma de conducta das tropas nas operaçoes posteriores.

Dessas, a principal foi a nomeação, a 10 de Outubro, do immortal Duque de Caxias para o commando em chefe de todas as forças brasileiras em operaçoes no Paraguay.

Assumindo o seu posto a 18 de Novembro, no campo de Tuyuty, o grande soldado desde logo imprimiu novo aspecto ás cousas militares, confirmando assim a razão do entusiasmo e mesmo orgulho com que officiaes e soldados o receberam.

CONSIDERAÇÕES

Como vimos até aqui, os aliados obstinavam-se pelos ataques frontaes, apezar dos continuos sacrificios que dahi decorriam, sem resultados compensadores.

Comettiam, além disso, o grave erro de não perseguirem o adversario depois de batel-o, dando assim ensejo a que elle dentro em pouco se reorganisasse, construisse novas fortificações e apresentasse, portanto, novos e successivos obstaculos sérios a vencer.

De nada valeram os preciosos ensinamentos deixados pelos mestres de guerra, tão divulgados já naquelle época em centenas de publicações, principalmente os que diziam respeito ás campanhas napoleonicas.

Felizmente para os aliados os paraguayos soffrijam do mesmo mal, graças ao que maiores não foram ainda os danos por elles causados.

Os generaes brasileiros, para honra nossa, jámais deixaram de patentear sua reprovação á conducta do commando em chefe, cabendo por isso á politica nacional a responsabilidade dos desastres e sacrificios que teve de supportar durante tanto tempo o soldado brasileiro.

O desastre do ataque a Curupaity foi uma nova provação imposta aos valentes soldados aliados, um verdadeiro abuso de sua reconhecida bravura, digna, sem duvida, de uma directriz mais intelligente e patriotica.

O marechal Solano Lopez, por sua vez, dispondo de uma reserva de 16.000 homens, não a soube aproveitar, deixando-a inactiva, quando com ella poderia collocar em situação assás critica as tropas aliadas.

Comtudo, bem pôde ser que elle quizesse poupar-a para as guerrilhas posteriores, não lhe convindo mais uma acção decisiva, uma vez que os seus recursos escassejavam de dia para dia e era mistér poupar avaramente o pouco que lhe restava.

Continua

Cap. NILO VAL

FACTOS & NOTAS

MARECHAL HERMES DA FONSECA

O Exercito nacional acaba de perder o seu ultimo marechal.

Pertencendo a uma familia de soldados, o extinto era um homem simples e dotado de um excellente coração. Muito amigo de sua classe, a elle deve o Exercito ter sido posta em vigor a lei do serviço militar obrigatorio, medida de ha muito imaginada mas sempre protelada.

A Defesa Nacional apresenta pezames á sua Exma. familia.

ORGANISACAO DA ARMA DE ENGENHARIA NO EXERCITO FRANCEZ

EM UMA D. I. :

1.^o — Um commando da engenharia divisionaria : 1 oficial superior, 1 capitão, 1 oficial de administração.

2.^o — Duas companhias divisionarias de engenharia — Effectivo : 1 capitão, 3 tenentes (1 da reserva), 204 sapadores ; 15 sapadores-conductores ; 10 viaturas a 2 cavallos (total 26 cavallos), a saber :

T. C. : 4 viaturas de ferramenta de sapa ; 1 viatura de explosivos e ferramenta de mineiro ; 1 viatura de cordagem e material para pontes ; 1 cosinha rolante.

T. E. : 3 viaturas de viveres.

3.^o — Um Pg. E. divisionario (8 viaturas), trazendo, além das reservas em ferramenta portatil e de parque : 2 viaturas de ferramenta de sapa, 1 de cordagem e material de pontes, 1 caixa de melinite. Pessoal : 1 oficial, 14 sap.-mineiros, 29 sap.-conductores, 44 cavallos. Orgam de distribuição e de fabricação improvisada.

4.^o — Uma companhia de equipagem de ponte divisionaria, nas divisões isoladas ; (cerca de metade da companhia de equipagem de corpo de exercito).

EM UM CORPO DE EXERCITO :

1.^o — Um commando de engenharia de corpo de exercito (1 coronel ou tenente-coronel, 3 officiaes, sendo 1 superior, 1 oficial de administração).

2.^o — 2 Companhias de engenharia de corpo, de composição semelhante.

O Cmt. da E. de corpo de exercito dispõe delas, seja para reforçar a engenharia de uma divisão, seja para trabalhos de interesse geral.

3.^o — 1 Companhia de equipagem de pontes, de corpo de exercito. E' uma unidade de transporte, comprehendendo pessoal e material.

Unidade muito pesada, improvisada na mobilisação com cavallos de requisição, ella conta sob as ordens de um capitão : cerca de 50 sapadores mineiros (destinados a concerter o material), 155 sap.-conductores, 233 cavallos, 50 viaturas. Ella tem em marcha uma profundidade de 800 metros.

As viaturas, muito grandes, não podem marchar em todos os caminhos ; a meia-volta

exige uns 20 metros. Por isso, desta equipagem só se deve fazer avançar na zona do campo de batalha, as viaturas que forem necessarias.

Esta companhia não está organisada para lançar a ponte. São as companhias divisionarias ou de corpo (estas um pouco mais exercitadas) ou as companhias de pontoneiros de exercito que executam o trabalho ; os sapadores da equipagem apenas auxiliam.

EM UMA D. C. :

1.^o — Um capitão de engenharia, comandante da engenharia da D. C., acompanhando o estado-maior da D., do qual é auxiliar technico.

2.^o — Um destacamento de sapadores-cyclistas — Effectivo : 2 tenentes, 57 sapadores-cyclistas, 5 sapadores-conductores ; 4 viaturas, das quaes 2 viaturas ligeiras de explosivos (uma com as ferramentas). As bycicletas trazem tambem ferramenta e explosivos.

3.^o — Uma companhia de equipagem de ponte Delacroix — 2 officiaes, 13 sapadores-mineiros, 66 sapadores-conductores, 107 cavallos ; 23 viaturas, das quaes 15 carregadas com 2 barcos superpostos.

EM UM EXERCITO :

1.^o — Um general, assistido por um oficial superior, chefe do estado-maior e mais 3 officiaes.

1 Direcção dos serviços de engenharia (1 coronel e 6 officiaes ou officiaes de administração).

1 Direcção dos trabalhos (2 officiaes).

1 Serviço de estradas (4 officiaes).

Um serviço de engenharia de etapas (1 coronel director e 2 officiaes).

2.^o — Uma ou duas companhias de pontoneiros (mesma composição que as companhias divisionarias ou de corpo).

2.^o — Um Pg. E. de exercito ; unidade de reaprovisionamento, manutenção e fabricação do material (45 viaturas), das quaes 4 secções de ferramenta com 6 viaturas (cada uma), contendo tambem caixas apropriadas a serem collocadas sobre auto-caminhões, 4 officiaes, 117 sapadores-conductores, 208 cavallos. Compõe-se de uma parte invariável e de outra variável, conforme o numero de corpos de exercito.

Composição detalhada de um Pg. E. de exercito:

Parte invariavel : 2 viaturas para cordagem e material de ponte ; 1 viatura para saccos de terra (5.000) ; 2 carregamentos de sobresalentes de sap.-min. ; 1 carregamento de ferramenta de artifice ; 1 lote de cordagem supplementor ; carregamentos de ferramenta em caixas para serem transportadas em auto-caminhões ; 1 viatura para serviço dos conductores ; 1 caixote de polvora ; 1 bate-estacas completo (2 viaturas) ; 4 caixotes de melinite ; 1 forja.

Parte variavel : Tantas secções de ferramenta, quantos sejam os corpos de exercito, cada uma tendo : 6 viaturas de ferramenta de sapa ; 2 carregamentos de ferramenta portatil de infantaria.

4.^o — Eventualmente, uma *equipagem de ponte de exercito*, formando 3 companhias, semelhantes cada uma a uma companhia de equipagem de corpo de exercito.

5.^o — *Companhias de calceteiros*, com meios de transporte.

6.^o — Geralmente :

a) trabalhadores auxiliares (territoriaes, indigenas, coloniaes, prisioneiros, etc.);

b) companhias de montadores de barracas ;

c) companhias de electricistas ;

d) companhias para o serviço de aguas.

NOTA — As tropas ferro-viarias dependem dos chefes das 4.^{as} secções dos Grupos de exercitos ; as de telephonistas do chefe do estado-maior da grande unidade, á qual estão affectas.

(Trad. de *Travaux de Campagne — Normand.*)

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos :

Guia Pratico para resenhas nos corpos de tropa

Interessante publicação do tenente veterinario Benedicto Alpheu Baptista (R. G. do Sul).

Nelle se propõe o autor a uniformizar a nomenclatura, dada differentemente em va-

rias partes do Brasil, ás diversas variedades de *pellagem* dos cavallos.

O livrinho é muito bem impresso, trazendo figuras coloridas explicativas.

Parece-nos satisfazer ao fim a que se destina.

Revista Maritima Brasileira — Maio.

Revista de Medicina e Hygiene Militar — Julho.

Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia — Junho.

Revista Militar (Bolivia) — Julho.

Revista de Engenharia do Mackenzie-College — Setembro.

Memorial de Infantaria (Hespanha) — Agosto.

Expediente

As dificuldades, com que luta *A Defesa Nacional*, em virtude do augmento extraordinario no custo do papel e da impressão, obrigam-nos a elevar os preços das assignaturas, a partir de Novembro proximo, inicio do novo semestre.

As novas contribuições serão oportunamente dadas á publicidade, pois o Nucleo Mantenedor ora estuda o melhor meio de conciliar os interesses da revista com os dos seus prezados assignantes.

São nossos agentes de annuncios nesta Capital o 1.^o sargento João de Magalhães Carvalho e o 2.^o sargento Mariano Alcides de Castro, que estão auctorizados a receberem as importancias relativas aos referidos annuncios.

ANNUNCIOS

Preços por semestre :

1 pagina	100\$000
1/2 "	50\$000
1/4 "	25\$000
1/8 "	15\$000

Repetições (por semestre)

1 pagina	60\$000
1/2 "	30\$000
1/4 "	15\$000
1/8 "	10\$000

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de comunicarem as mudanças de residencia, afim de se evitarem extravios da correspondencia.

Art. 7.^o dos Estatutos. — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

R. PETERSEN & COMP. LIMITADA

Successora de Petersen & Heins Limitada

IMPORTADORES

RIO DE JANEIRO

178, RUA BUENOS AYRES, 178

End. Telegr. PRIAMUS

Telephones Norte 6019 e 6534

Filial em S. Paulo — RUA DA QUITANDA, 2 A — Caixa 1046

REPRESENTANTES EM TODOS OS ESTADOS

FORNECEDORES DO EXERCITO E MARINHA

— DE —

Material para communicações, das mais afamadas fabricas allemães. Telemetros das conhecidas fabricas GOERZ e ZEISS. Artigos para acampamento de officiaes e tropa, bem como equipamentos. Apparelhos para tiro e pontaria. Material de sport, gymnastica e esgrima, como florete, luvas, mascaras, etc. Todos os artigos necessarios á engenharia militar e desenho, como transferidores Pfeiffer em millesimos, etc. Artigos para conservação e limpeza do material bellico. Artigos destinados á Veterinaria, para tratamento de animaes.

PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da Republica n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aquelles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congeneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despezas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas.

Sua administração é a seguinte:

Director — General Jonathas Barreto.

Inspector do Ensino — General Alcides Bruce.

Thesoureiro — Tenente-Corouel Luiz Tettamanti.

Secretario — Major Augusto Feliciano Pereira Pinto.

MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSISTENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organisação. Os seus principaes fins são :

- 1º — Conceder pensões mensaes e vitalicias ;
- 2º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continua em franca prosperidade; seu patrimonio, de accôrdo com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6 % ao anno, aos seus socios, e de 8 % aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

Para mais informações — dirigir-se ao Major Augusto Feliciano Pereira Pinto, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida Rio Branco n. 251. D. F.

NAVIGAZIONE GENERALE ITALIANA

SOCIETÁ RIUNITE FLORIO, RUBATTINO E LLOYD ITALIANO

O rapido e luxuoso Paquete

“GIULIO CESARE”



SAHIRÁ PARA GENOVA EM 12 DE NOVEMBRO

27.000 Toneladas - Comprimento 200 metros - Quatro helices

AGENTES GERAES

“Italia — America”

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EMPREZAS MARITIMAS

São Paulo

Rio de Janeiro

Santos

Rua Alvares Penteado, 43 * Avenida Rio Branco, 2, 4 e 6 * Praça da Republica, 26

Casa Mattos

Cereaes — Molhados — Ferragens

Liquidos e Comestiveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA

PARA

Instrucção e Exercicio

DAS

Tropas de Saúde em tempo de paz

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço : 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias : «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da
Silva, 17.

PAGINAS PERDIDAS

ACERCA DA
ORGANISACAO SANITARIA DO EXERCITO

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço : 5\$000 — Pelo correio mais 500 rs.

Livrarias : «Alves» Rua do Ouvidor, 166
e «Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da
Silva, 17.

CURSO FREYCINET

DIURNO E NOCTURNO — FUNDADO EM 1910

Curso de preparatorios — para os exames finaes de preparatorios no Collegio Pedro II;
 Curso Vestibular — para os exames vestibulares nas Escolas Superiores;
 Curso de Admissão — para a matricula nos primeiro, segundo e terceiro annos do Collegio
Militar, no primeiro anno do Collegio Pedro II e da Escola Normal;
 Curso Complementar — para habilitar á matricula no Curso de Preparatorios;
 Curso Superior — para o estudo das materias ensinadas nas Escolas Superiores;
 Curso Normal — para o estudo das materias ensinadas na Escola Normal;
 Curso de Revisão — para os exames de Segunda época no Collegio Pedro II e em outros
Estabelecimentos de Ensino;
 Curso Commercial — para habilitar ao desempenho de qualquer cargo nos Estabelecimentos
Commerciaes e Bancarios e nas Repartições Publicas.

ENSINO GRATUITO DE DACTYLOGRAPHIA A SENHORAS E SENHORITAS



Director : Dr. Sinesio de Farias

Engenheiro Militar—Doutor em Mathematica e Sciencias Physicas—Tte.-Cel. Lente Cathedratico da E. Militar

47 - RUA URUGUAYANA - 47
SOBRADO

Telephone Central 5027

RIO DE JANEIRO